



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
PROFESSOR ORIENTADOR SIDNEI VOLKMANN

KATHIA CHRISTINA MARÇAL
2046291/1

**“Confronto tribal”:
uma análise da cobertura de jornais brasileiros sobre o
conflito civil no Quênia**

Brasília, junho de 2008

KATHIA CHRISTINA MARÇAL

**“Confronto Tribal”:
uma análise da cobertura de jornais brasileiros
sobre o conflito civil no Quênia**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Orientador: Prof. Sidnei Volkmann

Brasília, junho de 2008

KATHIA CHRISTINA MARÇAL

**“Confronto Tribal”:
uma análise da cobertura de jornais brasileiros
sobre o conflito civil no Quênia**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília, junho de 2008

Banca Examinadora

Prof. SIDNEI VOLKMANN
Orientador

Prof.^a CLÁUDIA MARIA BUSATO
Examinadora

Prof.^a AMALIA RAQUEL PÉREZ-NEBRA
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, irmãos e amigos, Janaína Valadares e Rildson Moura, que ajudaram a colher os jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* e possibilitaram fazer uma análise com os jornais impressos. Aos profissionais que indicaram autores e livros que reforçam minha tese da monografia. E a todos que se importam com o jornalismo e com a cobertura internacional de um continente estereotipado e importante para o nosso planeta.

RESUMO

A monografia analisa a cobertura internacional do mais recente conflito civil no Quênia, originado em dezembro de 2007 após resultado da eleição presidencial que deixou milhares de refugiados e vítimas com a violência. Com a análise concluída em fevereiro de 2008, considera-se que a produção jornalística deste fato é uma amostra de como o jornalismo brasileiro retrata os acontecimentos no continente africano. A partir da análise dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, o objetivo é apresentar o tipo de cobertura internacional, a frequência das notícias e o conteúdo dos textos jornalísticos divulgados nos jornais brasileiros considerando que há conseqüências e efeitos no conhecimento dos leitores sobre os povos africanos e dos próprios fatos no continente. Com a análise da representação dos fatos do conflito civil no Quênia, produzida pelos jornais impressos influentes na opinião da sociedade brasileira, é possível verificar a produção das notícias sobre o continente africano e constatar a formação de estereótipos e o uso de agências internacionais como fonte de informação, que fornece uma idéia do grau de importância que o jornal oferece ao fato no Quênia.

Palavras-chave: África. Quênia. Cobertura. Jornal. Agências

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 APROFUNDAMENTO DA BIBLIOGRAFIA.....	07
1.1 A África como pauta no jornalismo	07
1.2 A rica pauta internacional e a exatidão	08
1.3 O jornalismo e o estereótipo africano	10
1.4 O perigo das fontes no jornalismo internacional	12
2 METODOLOGIA	16
2.1 Os jornais analisados e a editoria escolhida	16
2.2 O período	17
2.3 A análise de conteúdo	18
2.4 Os procedimentos na análise	20
2.5 As vantagens do método.....	23
3 CONFLITO CIVIL DO QUÊNIA NOS JORNAIS	24
3.1 Análise e resultados	24
3.2 Características gerais da notícia	25
3.3 Personagens freqüentes nas notícias	28
3.4 As fontes	30
3.5 Os autores.....	31
3.6 As entrevistas e a opinião do O Globo	32
3.7 Artigos	33
3.8 Etnia <i>versus</i> Tribo	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE.....	40
ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

A mais recente crise no Quênia, que começou após a eleição para a presidência em 27 de dezembro de 2007, abalou o país na estima dos mais estáveis e democráticos países africanos e colocou por dois meses o Quênia na opinião pública. Os jornais mais importantes do Brasil noticiaram o conflito civil – que resultou em cerca de trezentas mil famílias refugiadas e mais de mil quenianos assassinados – e permitiu o conhecimento do fato para os leitores brasileiros.

O Quênia faz parte das 53 nações africanas e se destaca por possuir a economia mais desenvolvida do Leste da África. A tensão originada pelo resultado da eleição prejudicou não só o convívio das diferentes etnias que existem no país, mas também a economia nacional e a situação dos países vizinhos dependentes da estabilidade no Quênia.

A pesquisa, estruturada em três capítulos, analisou a freqüência e a abordagem jornalística na cobertura internacional sobre o Quênia nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. O período foi de três meses de análise de conteúdo, em todos os tipos de notícias publicadas nos cadernos: Internacional, do *O Estado de S. Paulo*; e O Mundo, no *O Globo*. Começou quando as primeiras informações do conflito civil foram divulgadas em dezembro de 2007, e terminou quando os jornais publicaram, em 29 de fevereiro de 2008, o acordo que se formou um governo de coalizão entre o presidente reeleito Mwai Kibaki e o líder da oposição Raila Odinga, que contestou o resultado da eleição.

Porém, antes da análise, foi feita uma referência ao vasto continente africano, uma discussão sobre o profissional comunicador dos fatos mundiais na pauta internacional e uma explicação do método empregado. A questão do processo de formação das notícias, o estereótipo africano e as fontes no jornalismo internacional também são debatidas nesta pesquisa.

Desta forma, o objetivo da análise na cobertura do conflito civil no Quênia é proporcionar uma visão de como a África é reportada no jornalismo brasileiro, lembrando que o continente possui um vínculo histórico com o Brasil, principalmente com a quantidade de afro-descendentes residentes neste país.

1. APROFUNDAMENTO DA BIBLIOGRAFIA

1.1 A África como pauta no jornalismo

A África, muitas vezes confundida como um país, é um vasto continente que está no centro do mapa mundial, atravessa geograficamente o meridiano de Greenwich e a linha do Equador. Ela está próxima de todos os continentes: as Américas, a Europa, a Ásia e a Oceania. É conhecida por apresentar o maior índice de pobreza humana e, não é só a fome que atinge a população nos países africanos, mas as guerras civis, a saúde pública e os problemas ambientais, que também alcançam os países desenvolvidos, com o avanço do aquecimento global. Também é o continente com o maior número de países, são 53 nações africanas com suas histórias, suas culturas e suas dificuldades.

Com tantas opções de pautas que surgem nesse diversificado território, a pesquisa analisa se a função social do jornalista é executada pelos profissionais de dois grandes jornais brasileiros: *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. A análise consistiu em verificar se esses jornais noticiam os fatos que acontecem no continente africano com a qualidade de um texto jornalístico. As notícias repercutem e influenciam no conhecimento dos seus leitores, com o cuidado de não estigmatizar estereótipos na sociedade africana. O conflito no Quênia – originado após acusações de fraude nas eleições presidenciais em dezembro de 2007, que culminou em tensões políticas e étnicas até uma onda de violência na sociedade queniana – é uma amostra de como o jornalismo trata a população africana. Desta forma, a função social¹ do jornalista deve ser exercida, ou seja, ser a testemunha dos fatos e passar a informação adiante para o conhecimento da sociedade, que não tiveram acesso ao acontecimento, sem conter atributos identitários negativos ao sujeito da notícia.

O jornalista que é correspondente internacional ou trabalha nesta editoria tem uma importante missão: a de ser comunicador sobre os fatos mundiais. O profissional seleciona assuntos relevantes que cada povo deve e precisa saber, seja pelo fato histórico em que está envolvido ou pela curiosidade. “As editorias

¹ Por função social do jornalismo entende-se que “textos jornalísticos não só podem, eles têm que ter uma semelhança estrutural com a realidade” (SPONHOLZ, 2007), pois muitas realidades sociais são conhecidas por intermédio da mídia. “Ou seja, a realidade midiática se torna a realidade do público (representação da realidade que o público tem)” (SPONHOLZ, 2007). Desta forma, “a função social do jornalismo [...] é orientar as pessoas e a sociedade no seu mundo” (SPONHOLZ, 2007) no conhecimento dos fatos.

internacionais têm diariamente um mundo de notícias. No sentido próprio e também no sentido figurado” (NATALI, 2004, p. 9). E a África tem inúmeras opções de assuntos jornalísticos para o conhecimento mundial e, sobretudo, para o conhecimento do povo brasileiro.

A biografia dos africanos está vinculada com a história da maioria dos países chamados de Primeiro Mundo. Historicamente, economicamente e politicamente, a África tem importância para a construção de uma identidade mundial. E “apesar de todas as adversidades, deve-se reconhecer que no continente existe um enorme potencial natural, mineral, humano e cultural para promover mudanças” (OLIC, CANEPA, 2004, p.13) significativas para as demais populações.

A realidade de uma sociedade pode ser fornecida aos outros por meio da comunicação e não se pode deixar de perceber que

os jornais [...] têm uma larga influência nas nossas vidas e na **opinião pública**, não apenas por afetarem as nossas atitudes de várias formas, mas também porque são *meios de acesso* aos saberes dos quais dependem muitas das nossas atividades sociais. (GIDDENS, 2000, p. 440, grifo do autor).

E o jornalismo é um canal que pode trazer informações dos países geograficamente distantes. Ele permite que a sociedade esteja “tendencialmente mais conhecida e reconhecível por ela própria” (SOUSA, 2000, p.127), obtendo um importante papel na sociedade.

1.2 A rica pauta internacional e a exatidão

Passar a informação adiante é contar a verdade dos acontecimentos sem distorções. Mesmo assim, “os meios jornalísticos mediatizam o nosso conhecimento das realidades que não conhecemos e propõem-nos, logo à partida, determinadas interpretações para essa mesma realidade” (SOUSA, 2000, p.127 e 128), com a possibilidade de formar interpretações equivocadas.

No noticiário internacional isso fica mais evidente, pois ele “não constrói um retrato do mundo com determinado grau de exatidão” (NATALI, 2004, p. 12). São inúmeras pautas internacionais, sobre muitas culturas e fatos que fazem parte da história no mundo, e dificilmente todas são retratadas na editoria que possui maiores opções de pautas. Os conflitos, as guerras, as eleições, os acordos de paz são

pautas que o jornalista dessa editoria obtém e com o advento da Internet e o serviço das agências internacionais, o acesso à informação foi facilitado. No entanto, a visão do jornalista sobre o fato é formada por notícias testemunhadas por outros e o produto já passou por várias etapas de edição.

É essencial o cuidado com essas notícias, e num continente diversificado e com muitas histórias para contar, como a África, é preciso ter cautela. “De qualquer maneira, os meios de comunicação moldam o nosso horizonte de conhecimento sobre um determinado número de realidades, especialmente de realidades atuais” (SOUSA, 2000, p. 128).

Apesar disso, o jornalista deve se esforçar para ser apartidário ao fato, informar os acontecimentos mundiais de acordo com o contexto histórico, político e econômico em que está inserido, pois “a identidade nacional é inteiramente dependente da idéia que fazemos dela. Uma vez que não seria possível conhecer todas elas [...] devemos ter uma idéia partilhada sobre aquilo que a constitui” (HALL, WOODWARD, 2000, P. 24). E é esse o papel do jornalista: partilhar informações com a sociedade, para que outras identidades não sejam esquecidas e para que possamos formar uma idéia sobre ela.

O jornalista deve saber que pode “funcionar como instrumentos de socialização [...] de promover a comunicação e de ajudar a sintonizar as pessoas em sociedade” (SOUSA, 2000, p. 129), facilitando o conhecimento sobre as diversas culturas, inclusive africanas. No entanto, na escolha da pauta que vai ao noticiário internacional parece ocorrer uma discriminação. Como se o critério da acessibilidade do fato jornalístico fosse contar com o fator financeiro do envolvido. Ou seja, “[...] queda de avião pobre em país pobre é menos notícia que a queda de avião rico em país rico. O que infelizmente é verdade. Mas [...] não explica toda a ‘discriminação’ presente no noticiário” (NATALI, 2004, p. 14, grifo do autor). O acesso ao fato jornalístico, como a distância geográfica e o fator político também estão no critério de noticiabilidade para a sua publicação.

Esses critérios de noticiabilidade não podem ser usados como desculpas na falta de cobertura do continente africano: geograficamente, a África está mais próxima do Brasil do que a Europa; politicamente, o continente está se fortalecendo, inclusive com acordos com a política brasileira; e historicamente, esteve presente no crescimento econômico dos demais países (com o envio de mão de obra barata ou o envio de escravos para o crescimento dos países ricos).

1.3 O jornalismo e o estereótipo africano

A notícia é uma transferência de informação de um indivíduo ou grupo de indivíduos para outro, é um conjunto de informações sobre um fato que deve ser completo para o entendimento de uma sociedade. Para isso, a notícia não deve apresentar distorções ou usar palavras que possam reforçar os estereótipos que a sociedade possui sobre o continente, algo que na África é marcado pela história da escravidão e pelo preconceito racial.

No jornalismo não deve haver a formação de estereótipos. Eles são “crenças sobre características pessoais que atribuímos a indivíduos ou grupos” (RODRIGUES, ASSMAR e JABLONSKI, 2005, p. 150) e são formados por conhecimentos que a sociedade obtém para formar uma representação mental de um grupo social, ou uma sociedade em si. O estereótipo é identificado por psicólogos sociais contemporâneos “como a base cognitiva do preconceito” (RODRIGUES, ASSMAR e JABLONSKI, 2005, p. 150).

De acordo com esses estudiosos, o preconceito é uma crença ofensiva que “poderia ser definido como uma atitude hostil ou negativa com relação a um determinado grupo” (RODRIGUES, ASSMAR e JABLONSKI, 2005, p. 162). Assim na relação estereótipo e preconceito, “o estereótipo, em si, é frequentemente apenas um meio de simplificar e ‘agilizar’ nossa visão do mundo” (RODRIGUES, ASSMAR e JABLONSKI, 2005, p. 150) a partir da idéia do preconceito.

Apesar de o preconceito estar presente no círculo das relações humanas, o jornalismo, por meio da comunicação que alcança públicos inestimáveis, pode e deve esclarecer que

o estereótipo [...] é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação [...], uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença [...] constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (BHABHA, 2001, p.117).

Portanto, os estereótipos são simplificações e representam a identidade estigmatizada do sujeito que prejudica a relação social deste com aqueles que só tem acesso às falsas informações da realidade.

O estereótipo é formado por características que se firmam em nosso conhecimento a respeito do outro indivíduo. Ele

dá acesso a uma 'identidade' baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma (BHABHA, 2001, p. 116).

Desta forma, o jornalista deve saber que a identidade africana não é única. Marcada por 53 países com suas próprias características, o continente pode ser separado pelas zonas térmicas, por uma divisão climática ou pelas características étnicas, a mais comum, com a África Branca e a África Negra. A primeira, conhecida por África do Norte, é povoada pelas civilizações de origem camita, semita e berbere; e a segunda, a África Subsaariana, possui o grande Deserto do Saara, e é povoada pelos grupos negro-africanos, como os pigmeus, os sudeneses, os bosquímanos e os bantos².

Com essas diversidades no continente, o jornalismo é um canal para desmistificar a existência de um único mundo africano e não para formar idéia precipitada sobre ele. E o jornalista deve ter cuidado de informar sobre a África. Segundo o filósofo Kwame Anthony Appiah, o mito sobre a África ganha força pela característica do continente, marcada por

uma história colonial recente, uma multiplicidade de variadas tradições locais subnacionais, uma língua estrangeira cuja cultura metropolitana tradicionalmente definiu os 'nativos' como inferiores, por sua raça, e uma cultura literária ainda basicamente em processo de formação. (1997, p. 116).

Vale ressaltar que o dever do jornalista não é informar somente os dramas humanos vividos pelos povos refugiados ou pela população pobre, atingida pelas doenças e pelos desastres naturais. Essas segmentações criam uma representação pessimista de um continente que "possui um potencial de riquezas ainda pouco explorado" (OLIC, CANEPA, 2004, p. 104) e uma economia que cresce com os regimes democráticos que se impõem lentamente, além de simplificar a

² Segundo os autores Nelson Basic Olic e Beatriz Canepa no livro "África: Terra, sociedades e conflitos".

complexidade do continente, marcada pela relação da história do colonialismo com o presente.

O continente também é marcado por sua história colonial, que influencia os fatos atuais na África. A herança colonial, inclusive, é algo que permeia a cultura e a forma de como o jornalismo é feito no continente. A rivalidade nas fronteiras africanas, as personagens emblemáticas – como a crianças-soldado e o refugiados – foram traçadas pelas fronteiras das colônias que eram dependentes no passado. E “todos os aspectos da vida cultural da África contemporânea [...] foram influenciadas amiúde poderosamente, pela transição das sociedades africanas pelo *colonialismo*” (APPIAH, 1997, p. 208).

A história da África colonial e pós-colonial deixou marcas na atual relação entre o continente e os outros. Enquanto sob comando da Europa, a nacionalidade africana era ditada por seus colonizadores, na tardia independência seus colonizadores deixaram os países à procura de suas próprias nações. E “uma vez passado o momento de coesão [dos colonizados] contra os britânicos [...], o registro simbólico da união nacional confrontou-se com a realidade de nossas diferenças” (APPIAH, 1997, p. 227). Desta forma, o jornalista parece ser influenciado pelas relações históricas, pois ainda não enxergou a importância da África para as demais nações. O profissional não desmistifica a identidade africana e, às vezes, esquece do continente na pauta do jornalismo internacional.

1.4 O perigo das fontes no jornalismo internacional

Um fato persistente para se ressaltar é de as notícias serem criadas por informações que vêm das agências internacionais, ou mesmo, ser um texto publicado sem alterações. É verdade que as “agências deram viabilidade econômica ao noticiário internacional” (NATALI, 2004, p. 31), por ser economicamente mais barato e por ser apartidário³, aliás, “o apartidarismo tornou-se com o tempo um procedimento ‘normal’ de focar os acontecimentos” (NATALI, 2004, p. 31). Contudo, a notícia acaba não tendo uma visão primária sobre o fato no continente,

³ João Batista Natali, em seu livro “Jornalismo Internacional”, explica que esta postura apartidária não é devido à ética da profissão jornalista, mas devido a sua postura de mercado. “Como há clientes de diferentes orientações editoriais, nenhuma agência puxaria a azeitona para o lado de uma só espada. Se assim o fizesse, criaria melindres e perderia o freguês para uma agência concorrente” (2004, p. 31), conclui.

mas uma outra visão, de agências européias (como a *France Press*, *Reuters*); isso é agravado pelo fato de que no passado o continente europeu foi colonizador dos países africanos.

Assim, os jornais brasileiros ficam presos a uma condição imposta e criada por outros intelectuais que intermediam na fronteira da África outro estilo, marcado pelo pós-colonialismo. As teorias dos intelectuais pós-coloniais da África “são irredutivelmente pautadas em sua formação euro-americana” (APPIAH, 1997, p. 209) e não na realidade africana.

O uso de informações exclusivas dessas agências européias ou norte-americana pode prejudicar a notícia. Existem agências africanas, como a *Angola Press*, que podem auxiliar na informação para um texto mais completo. Se o jornal não pode enviar um correspondente ao local, o jornalista pode usufruir de várias informações para concluir sua opinião sobre o fato, como em artigos, por exemplo, e não comprar o serviço de um outro país – com outra visão sobre o continente.

Um correspondente na África também é uma opção – poderia ser mais barato que vários correspondentes na França ou em outro país europeu. Se há jornalistas brasileiros para cobrir o conflito em Israel⁴, por que não há na África? Já que é um continente que tem importância “na formação da identidade nacional” (OLIC, CANEPA, 2004, p. 5), pois muitos brasileiros são afro-descendentes.

O uso exclusivo dessas agências internacionais só comprova que

na história do jornalismo, a ascensão da bandeira de determinada agência esteve estreitamente atrelada à bandeira do país em que ela instalou sua sede e no qual fincou seus interesses. A França, o Reino Unido e os Estados Unidos foram países em ascensão no momento em que a industrialização os projetava por suas ambições expansionistas e por seu poderio industrial e mercantil. E, também, pelo poderio de sua imprensa. Em outras palavras, a história do jornalismo internacional é de algum modo a história dos vencedores. (NATALI, 2004, p. 32).

E a história do jornalismo internacional pode não ter sido modificado nos dias de hoje, pois quem conta a atual narrativa dos países africanos são os vencedores do passado. A representação identitária da África no Brasil é moldada por outros intelectuais, aqueles que enxergam o continente de outra forma.

⁴ Talvez a cobertura dos fatos em Israel tenha mais destaque pelo envolvimento dos Estados Unidos da América: um país rico que é um dos sujeitos da história, mas não o protagonista.

Vale ressaltar que a soberania européia e americana da informação a respeito do continente africano acirra um debate desde 1969, quando a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) identificou a comunicação de mão única (MATTELART, 2000, p. 112), ou seja, marcada pela monopolização do mercado mundial de notícia. O debate concluiu que a comunicação de massa é caracterizada pela emancipação cultural e tecnológica da Europa e dos Estados Unidos da América.

O documento exaltou que a comunicação “estaria caracterizando as relações entre os países em via de desenvolvimento [...] e que por sua unilateralidade arriscava-se ‘causar problemas para a mútua compreensão entre as nações’” (MATTELART, 2000, p. 112). Um relatório publicado em 1980 é o documento oficial onde fica posta “a questão do desequilíbrio dos fluxos dos despachos das agências” (MATTELART, 2000, p. 113) entre outros meios de comunicação.

Assim, o conhecimento sobre um continente é modelado pelo estoque de informações de agências de países ricos, quando os protagonistas são os povoados dos países subdesenvolvidos. A globalização dos meios de comunicação no jornalismo internacional evidencia

[...] o surgimento de **uma nova ordem mundial da informação** – um sistema internacional de produção, distribuição e consumo de informação. Como outros aspectos da sociedade global, esta nova ordem da informação desenvolveu-se de forma desigual e reflete divisões entre as sociedades desenvolvidas e os países do Terceiro Mundo. (GIDDENS, 2000, p. 460, grifo do autor)

Quando há outras oportunidades de captar a informação, o jornalista que usa somente as agências internacionais fica com opiniões diferentes daqueles jornalistas brasileiros que viram com os próprios olhos o fato no continente.

Desse modo, a percepção crítica da imprensa brasileira é feita à luz da percepção crítica do norte-americano ou europeu que apurou sobre o acontecimento no continente africano. E para a sociedade

pode ser muito difícil criticar o relato de um meio de comunicação dominante, se poucas são as fontes de informação em alternativa. Nestas circunstâncias, não se deve subestimar o poder dos meios de comunicação (GIDDENS, 2000, apud PHILO, 1991, p. 451).

O jornalista deve aproveitar todos os acessos à informação para formar a sua idéia e a sua percepção do fato. Na visão do europeu que cobriu o fato no Quênia, por exemplo, vários fatores podem influenciar na cobertura, como o fato do país pertencer à Comunidade Britânica, na qual a maioria dos Estados é de antigas colônias britânicas, sendo que no Brasil o olhar poderia ser direcionado ao fator histórico da formação da população afro-descendente que vive no Brasil.

Esse imperialismo dos *media*⁵ pode-se transformar num império cultural e “a situação dos países do Terceiro Mundo é particularmente sensível devido à falta de recursos para manter a sua própria independência cultural” (GIDDENS, 2000, p. 464).

As agências “tornaram-se muito importantes no fornecimento de matéria noticiosa usada internacionalmente” (GIDDENS, 2000, p. 461) e o jornalismo, acomodado com o trabalho facilitado por esse serviço pago, esqueceu-se que a mídia brasileira deve ser independente na questão editorial de um acontecimento mundial. No jornalismo internacional, o importante é saber o significado dos fatos e sua relação com o Brasil. Os jornais devem aproveitar os serviços das agências internacionais, mas saber usar essa informação sem prejudicar a visão editorial do jornal ou criar uma identidade africana moldada por jornalistas europeus, antigos colonizadores.

Os jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* fazem parte da grande imprensa brasileira e tem uma importante influência na formação da opinião pública do país. O que importa no jornalismo internacional não só é a quantidade de matérias que são publicadas, mas também saber a origem, o processo de formação dela e o resultado (a notícia pronta), pois essas características podem modificar o olhar do leitor no relato do fato.

O meio de comunicação social influencia e forma contrastes na organização da sociedade e os profissionais que atuam nesse meio devem estar cientes da importância do seu trabalho tanto para os seus leitores, quanto para o próprio continente africano: ser reconhecido sem estereótipos moldados por europeus ou americanos, mas sendo retratados pelo olhar brasileiro sob o acontecimento.

⁵ De acordo com Giddens, o imperialismo dos *media* é a posição privilegiada dos países desenvolvidos industrialmente “na produção e difusão dos meios de comunicação social” (2000, p. 462)

2. METODOLOGIA

2.1 Os jornais analisados e a editoria escolhida

Para analisar a cobertura internacional sobre o continente africano – um estudo sobre o Quênia – foram escolhidos dois jornais brasileiros: *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*. Ambos são jornais de grande tiragem, influentes na sociedade brasileira. Em média, o jornal *O Globo* possui 1.514 mil leitores brasileiros e o jornal *O Estado de S. Paulo* tem 1.231 mil⁶. E por fazerem parte da história do jornalismo impresso no Brasil.

Em suma, “os jornais apresentam tendência e influência; um jornal de grande tiragem tem maior penetração do que um obscuro jornal de bairro” (MARCONI, LAKATOS, 1996, p. 120). No entanto, vale ressaltar que a pesquisa analisou somente a editoria que publica notícias sobre os acontecimentos internacionais e não o jornal todo. No *O Globo*, a editoria se chama “O Mundo”; e no *O Estado de S. Paulo*, “Internacional”.

O jornal *O Estado de S. Paulo* é um dos impressos do estado mais antigo que ainda circula no Brasil. Foi publicado pela primeira vez em janeiro de 1875, inicialmente com o nome *A Província de S. Paulo*, e em 1890 mudou para o nome que é conhecido desde então. O jornal é reconhecido por sua credibilidade na narrativa sobre os acontecimentos no Brasil e também por ser a mais completa cobertura internacional no jornalismo brasileiro.

O Globo é outro jornal impresso muito influente. Criado no Rio de Janeiro, sua circulação começou em 1925, quando o estado ainda era a capital do país. É com certeza o jornal mais importante do Rio de Janeiro e um dos três mais vendidos jornais brasileiros (os outros dois são *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, ambos de São Paulo).

No caso específico, a escolha do *O Estado de S. Paulo* em detrimento da *Folha de S. Paulo* – outro impresso muito influente na sociedade brasileira – foi pela tradição do primeiro na cobertura internacional dos fatos. *A Folha de S. Paulo* é considerada o jornal mais importante em informações políticas do Brasil. Também é conhecida por sua credibilidade na formação de opinião e por aceitar uma crítica

⁶ Segundo informações do Infoglobo (www.infoglobo.com.br/mercado_perfilleitores.asp) e do Grupo Estado (www.grupoestado.com.br/midiakit/estado/index.asp?Fuseaction=Perfil).

interna publicada no impresso – foi o primeiro jornal a adotar o *ombudsman*⁷. O jornal *O Estado de S. Paulo*, no entanto, é reconhecido por sua cobertura dos outros países e continentes. Por possuir mais notícias internacionais, se destaca no meio jornalístico impresso por ter a cobertura mais eficiente dos acontecimentos mundiais.

Somente uma editoria foi escolhida na análise, pois a pesquisa tem o foco nos fatos que acontecem no Quênia. Assim, as notícias que foram publicadas em outros cadernos dos jornais não foram analisadas, já que essas não são o foco da pesquisa.

As chamadas de capa que se referem ao conflito no Quênia também foram analisadas. A chamada de capa é um aspecto importante no jornal impresso: ele oferece um destaque para as notícias, mostrando aos leitores os principais fatos da edição. O objetivo de analisar as chamadas de capa é para conferir se os jornais chamam a atenção dos leitores para o acontecimento no Quênia.

A pesquisa também pretendia analisar os editoriais, artigos e comentários que fossem publicados no caderno que emite opiniões – no *O Globo*, a editoria se chama “Opinião”, e no *O Estado de S. Paulo*, “Espaço Aberto” – sobre o conflito no Quênia. No entanto, os dois jornais analisados não publicaram nada sobre o fato no Quênia nestes específicos cadernos no período de análise escolhido.

Durante o período analisado, o jornal *O Estado de S. Paulo* possuía oito jornalistas que eram correspondentes no exterior. Já no jornal *O Globo* havia nove correspondentes internacionais.

2.2 O período

O período da análise foi de três meses: dezembro de 2007 até fevereiro de 2008. A análise começou em dezembro, pois foi neste mês que foram publicados os resultados oficiais da eleição no Quênia, posteriormente passivo de fraude e que culminou em violência no país. Em fevereiro o desacordo político no país estava parcialmente resolvido e as notícias sobre o fato não foram mais publicadas nos jornais.

⁷ O cargo, criado nos Estados Unidos da América nos anos 60, foi instalado na *Folha de S. Paulo* em 1989. É utilizado para representar os leitores dentro de um jornal. Segundo o site do jornal Folha OnLine, o profissional recebe, investiga as reclamações dos leitores e faz a crítica interna do jornal. (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ombudsman/>).

Primeiramente, o período de análise para a pesquisa era outro. Pretendia-se analisar os jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* por seis meses: com início em outubro de 2007 até março de 2008. O objetivo era analisar todas as notícias dos 53 países do continente africano. No entanto, para a pesquisa ser mais eficiente, optou-se por focalizar em um país e analisar todas as notícias sobre ele. A escolha foi o Quênia, um país importante do continente africano, no qual coincidentemente, surgiu um conflito interessante para a análise da cobertura jornalística dos fatos na África no período da análise.

De outubro até o final de dezembro de 2007 não houve notícias sobre o Quênia. As publicações começaram precisamente em 30 de dezembro, quatro dias depois do resultado oficial da eleição que gerou controvérsia dos grupos étnicos da região. Assim, as notícias analisadas são de 30 de dezembro de 2007 a 29 de fevereiro de 2008.

Em março, não houve notícias sobre o conflito no Quênia, as publicações sobre o fato se encerraram no final de fevereiro, por isso o mês foi escolhido para o fim da análise. No entanto, em 9 de abril, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou no caderno Internacional a notícia **Violência volta ao Quênia após recuo da oposição**, informando que novos protestos voltaram ao país, depois dos líderes de oposição do governo queniano finalizarem o acordo para a formação de um governo de coalizão. E em abril as notícias sobre o Quênia voltaram a ser publicadas nos jornais, com baixa frequência.

Considerando que a insatisfação política no país ainda pode persistir por um longo período de tempo, as notícias publicadas depois de fevereiro de 2008 não foram analisadas. Desta forma, a análise é sobre o começo do conflito, ou seja, as primeiras notícias de um fato que ainda pode persistir por um tempo.

2.3 A análise de conteúdo

O método para alcançar os objetivos desta pesquisa é a análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 1977, p. 31) que será usado nas notas, artigos, entrevistas e reportagens selecionadas sobre o Quênia.

O método escolhido é “de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas” (BAUER, 2002, p. 190) e permitirá “produzir inferências

de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada”. Por a análise de conteúdo ser um conjunto de “procedimentos explícitos de análise textual para fins de pesquisa social” (BAUER, 2002, p. 191), o método permitirá fazer “uma ponte entre o formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais” (BAUER, 2002, p. 190) nos jornais que reportam os acontecimentos no país africano.

Com a análise de conteúdo das notícias selecionadas dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo*, a pesquisa fornece dados da complexidade dos textos, isso porque “um parágrafo fornece a oportunidade para comentários extensos explorando todas as ambigüidades e nuances da linguagem” (BAUER, 2002, p. 191) atribuídas ao fato reportado e publicado.

É a análise de conteúdo que “nos permite [verificar se existem] indicadores [...], valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos” (BAUER, 2002, p. 192) nas notícias sobre o Quênia, sendo que o preconceito e os estereótipos são características que um texto informativo não deve conter.

A complexidade de um texto é tão real quanto a complexidade de uma identidade cultural no continente africano, como vimos no primeiro capítulo. Por isso, é importante saber que “o texto é um meio de apelo: uma influência nos preconceitos, opiniões, atitudes e estereótipos das pessoas” (BAUER, 2002, p. 192). Ao ser aplicada em um texto informativo publicado em jornais de grande tiragem e com quantidade expressiva de leitores em todo o Brasil, a metodologia da análise de conteúdo fornece os resultados “no delineamento de estudos sobre efeito da mídia” (BAUER, 2002, p. 192) e, especificamente, um retrato da mídia brasileira com a análise de dois grandes e importantes jornais do país.

A técnica é a mais adequada para esta pesquisa. A análise de conteúdo

vem-se desenvolvendo nos últimos anos com a finalidade de descrever, sistematicamente, o conteúdo das comunicações. A atual análise de conteúdo foi acrescida de mais uma característica [...] o desenvolvimento de técnicas quantitativas, que permitem maior precisão (MARCONI, LAKATOS, 1996, p. 116)

Desta forma, a análise permitirá o uso das técnicas quantitativas nas notícias, ou seja, a quantidade de notícias que foram publicadas sobre o conflito no Quênia no período da pesquisa.

O censo fornece meios “para estudar um pequeno número de textos e assim mesmo poder tirar conclusões sobre a coleção completa dos textos” (BAUER, 2002, p. 196). Na tabela abaixo há a indicação da quantidade de matérias que foram publicadas nos três meses de análise sobre o conflito no Quênia, nos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*.

Tabela 1 – Quantidade de textos analisados nos jornais

Mês	O Globo	O Estado de S. Paulo
Dezembro de 2007	2	2
Janeiro de 2008	30	33
Fevereiro de 2008	5	13
Total	37	48

Os três meses de análise podem ser considerados um espaço pequeno de tempo para concluir a cobertura de um fato no continente africano. No entanto, esse censo indica para a pesquisa

uma estimativa confiável do perfil de suas notícias anuais. Uma amostra pequena, sistematicamente selecionada, é muito melhor do que uma grande amostra de materiais escolhidos ao acaso. [...] Para cada edição selecionada, todos os artigos relevantes são selecionados (BAUER, 2002, p. 197)

2.4 Os procedimentos na análise

A “classificação dos materiais colhidos na amostra é uma tarefa de construção [da análise de conteúdo] que carrega consigo a teoria e o material da pesquisa” (BAUER, 2002, p. 199). As 85 notícias dos jornais que foram selecionadas são classificadas por categorias e códigos para trazer mais informações da análise das mesmas.

A categoria “tamanho” é dividida por frações que indicam a ocupação da matéria na página do jornal, essas frações são os códigos da categoria. As notícias, artigos ou notas podem ter diferentes tamanhos. Muitas notas, por exemplo, ocupam o espaço de 1/24, o que significa que a página sendo dividida em 24 pedaços, a notícia ocupa somente um pedaço dela. Ou a notícia pode ocupar um espaço maior na página e ser classificada como 1/2, ou seja, a matéria ocupa meia página do jornal; ou 1/4, a notícia ocupa um quarto da página do jornal.

Outra categoria para classificação do material é o formato da notícia. Os materiais colhidos estão classificados em formatos: notícia, artigo, entrevista, opinião ou nota.

A **notícia** é um registro dos fatos, que pode ser feita por um jornalista da empresa ou ser a publicação de um serviço de uma agência internacional. O **artigo** é um texto opinativo feito por um profissional que entenda sobre o assunto. A **entrevista** é um texto jornalístico que tem por finalidade permitir que o leitor saiba as opiniões e observações de alguém que tem algo relevante a dizer. A **opinião** é um texto elaborado pelo editor do caderno ou pelo editor-chefe do jornal, ela emite a opinião editorial do jornal. A **nota** é um texto informativo simples, que usa poucas sentenças de frases para dizer o essencial de um acontecimento.

As classificações das notícias por tamanho ou formato não dependem uma da outra. “A codificação do tamanho não tem influência direta na codificação do formato da notícia” (BAUER, 2002, p. 201). Por isso, as notas podem apresentar diferentes tamanhos, ou os artigos podem ou não ocupar meia página do jornal. O importante é saber que

tanto ‘tamanho’ como ‘formato da notícia’ são códigos originados de uma teoria de que o tamanho de uma história expressa a importância editorial atribuída a ela, e serve como um indicador dos valores existentes nas redações. Por outro lado, o tamanho pode ter um formato específico. O código ‘formato da notícia’ origina-se de uma idéia sobre as diferenças funções que os diferentes formatos possuem nos debates públicos. (BAUER, 2002, p. 201)

Desta forma, o material com os formatos opiniões e artigos emitem opiniões explícitas sobre o fato no Quênia e influenciam o conhecimento e a idéia que o leitor terá sobre o acontecimento.

Em contrapartida, como visto no primeiro capítulo, apesar das notícias serem um retrato da realidade, elas também expressam opiniões dependendo de suas construções. “A freqüência das palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência” (BAUER, 2002, p. 193). Por isso, com a análise de conteúdo do material selecionado, pode-se verificar se os jornais tentam influenciar a leitura das notícias com esse artifício de repetição de palavras e estilo gramatical.

Os procedimentos da análise de conteúdo que “descreve os meios de expressão e influência” (BAUER, 2002, p. 193) das notícias são os procedimentos sintáticos do conteúdo. Por exemplo, o uso freqüente de palavras como ‘ataque’ ou ‘conflito étnico’ nas notícias “podem ser símbolos de ‘ação socioemocional” (BAUER, 2002, p. 210) do jornal com o leitor.

Outro processo também é muito usado na análise de conteúdo: os procedimentos semânticos. Eles “dirigem seu foco para a relação entre os sinais e seu sentido normal – sentidos denotativos e conotativos em um texto. A semântica tem haver com ‘o que é dito em um texto’, os temas e avaliações” (BAUER, 2002, p. 193).

Com o uso desses dois procedimentos da análise de conteúdo, a avaliação do material colhido será mais ampla e poderá fornecer conclusões sobre a cobertura do conflito no país africano. E “codificar contextualmente é importante para cada unidade de análise [da pesquisa], seja ela um artigo, um parágrafo, uma frase, ou uma palavra” (BAUER, 2002, p. 213).

Outro aspecto importante da pesquisa é a análise de dois jornais brasileiros influentes na sociedade. Os dois jornais foram comparados quanto à cobertura do fato no Quênia, e “as comparações revelam diferenças que podem ser observadas entre a cobertura de diferentes jornais” (BAUER, 2002, p. 194), por exemplo, ao se comparar as fontes das notícias que foram publicadas no *O Estado de S. Paulo* no e *O Globo*, observar se as notícias foram elaboradas pelos jornalistas ou vieram de um serviço de uma agência internacional, isso indicaria a visão de um jornalista brasileiro, ou de um europeu, que tem outro olhar sobre o continente africano.

Com as comparações pode-se “identificar e avaliar desempenhos contra normas estabelecidas” (BAUER, 2002, p. 194) no jornalismo. Tal como o uso inadequado de palavras que são discriminatórias a respeito da população africana.

“Finalmente, a análise de conteúdo pode reconstruir ‘mapas de conhecimento’ à medida que eles estão corporificados em textos. As pessoas usam a linguagem para representar o mundo como conhecimento e autoconhecimento” (BAUER, 2002, p. 194). E a análise de conteúdo nos textos permitiu chegar a uma conclusão sobre as notícias que retratam o fato no Quênia.

2.5 As vantagens do método

A pesquisa da cobertura do fato no Quênia nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* é importante, pois trata-se de verificar se os jornais olham os povos africanos e reconhecem sua importância na sociedade mundial. E o uso da técnica da análise de conteúdo nas notícias sobre o Quênia traz qualidade à pesquisa, pois “a análise de conteúdo é uma construção social [...] ela leva em consideração alguma realidade, neste caso o *corpus* de texto, e ela deve ser julgada pelo seu resultado” (BAUER, 2002, p. 203).

A qualidade do uso da técnica da análise de conteúdo nesta pesquisa é fortalecida com a idéia de que a “análise de conteúdo foi desenvolvida, na pesquisa social, para a análise de materiais textuais, especificamente material impresso” (BAUER, 2002, p. 212), o que é usado nesta pesquisa. E “as vantagens da análise de conteúdo são que ela é sistemática e pública” (BAUER, 2002, p. 212).

A análise de conteúdo não é uma simples avaliação dos textos, ela “possui um discurso elaborado sobre qualidade [...], coerência e transparência” (BAUER, 2002, p. 203).

Os leitores que não podem ir ao Quênia averiguar os acontecimentos têm a narrativa dos textos dos jornais como a história do fato. É importante saber que “a narrativa é um princípio estimulador. Considerar notícias como uma história sugere imediatamente uma quantidade de noções primárias: um contador de história, [...] acontecimentos, [...] conseqüências e uma ética” (BAUER, 2002, p. 204). E é a análise destas notícias que desmembra o conteúdo e mostra como é o jornalismo sobre o Quênia.

3. CONFLITO CIVIL DO QUÊNIA NOS JORNAIS

3.1 Análise e resultados

Em 27 de dezembro de 2007, o Quênia – país localizado no oeste da África – realizou eleição presidencial na qual Raila Odinga e Mwai Kibaki eram os candidatos de etnias diferentes – luo e quicuio, respectivamente. O resultado da eleição não foi esperado para Odinga, que liderou nos primeiros dias, e Kibaki foi reeleito no final da apuração dos votos. Apesar das eleições ocorrerem dia 27, os jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* só publicaram notícias depois que surgiram conflitos na capital do país, Nairóbi, originados por protestos organizados pelo partido opositor, que acusava o governo de fraudar o resultado da eleição.

O silêncio dos jornais na eleição presidencial do Quênia indica que esse fato não tinha importância para ser divulgado para os leitores brasileiros. Os protestos violentos realizados depois da eleição foram a pauta para os jornais e não a questão política e civil no país.

No dia 30, quatro dias atrasado na divulgação das eleições no país, o jornal *O Globo* publicou “Eleições deflagram revolta no Quênia”⁸. O *lead* da notícia já indica a verdadeira pauta do jornal: “um conflito étnico de grandes proporções”. O texto descreve os confrontos dos manifestantes com os policiais. Na linha fina da notícia, ou seja, a frase abaixo do título, o texto já diz que o “país vive medo de guerra étnica”, pois “os primeiros sinais de um confronto tribal explodiram em Nairóbi”, a capital do Quênia.

No mesmo dia, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou no caderno Internacional “Oposição declara vitória em eleição presidencial”, uma nota de 11 linhas, com foto que mostrava um homem segurando um facão e, ao fundo, fogo. Apesar de a foto ser apelativa como a notícia do jornal *O Globo*, o texto tem cuidado em reportar o fato. Na nota diz que Odinga pediu a Kibaki “que reconhecesse a derrota para evitar uma eventual explosão de violência”. A palavra “evitar” indica certa precaução em declarar que os primeiros protestos podem gerar uma guerra étnica no país, como fez o jornal do Rio de Janeiro.

Esse foi o começo de uma série de notícias que vieram nos três meses seguintes. Nesse período de análise, o jornal *O Globo* publicou mais entrevistas e

⁸ Matéria que ocupa 1/4 da página do caderno O Mundo no *O Globo*.

textos opinativos do que *O Estado de S. Paulo*, que não fez nenhuma entrevista ou um texto de opinião editorial. Em contrapartida, o jornal de São Paulo publicou mais notícias e notas – e com mais freqüência – do que o jornal do Rio de Janeiro⁹. Desta forma, as quantidades de tipos de notícias nos jornais são:

Tabela 2 – Quantidade de tipos de textos nos jornais

Jornais	Notícias	Artigos	Entrevistas	Opiniões	Notas
O Globo	27	2	2	3	3
<i>O Estado de S. Paulo</i>	29	3	0	0	16
Total	56	5	2	3	19

No *O Estado de S. Paulo*, dos 48 textos, sete teve chamadas de capa. E no *O Globo*, que publicou 37 textos, três foram capa. Nas chamadas de capa, o que mais se destacou foram as fotos impactantes e no texto sempre informava o número de vítimas nos protestos. A situação dos refugiados não foi destaque nas chamadas de capa dos jornais.

3.2 Características gerais das notícias

Todos os 85 textos de diferentes formatos podem ser separados por três “fases”. Ou seja, as notícias apresentavam diferentes tipos de informações que a edição do jornal classificou como mais importante e está nos primeiros parágrafos dos textos: o confronto, a questão política e o apelo da comunidade internacional.

No início da análise, fim de dezembro de 2007 e começo de janeiro de 2008, as notícias apresentam no *lead* um descritivo apelo social. Nessa fase, os textos dos jornais descrevem os confrontos como “barbárie”, uma “sangria tribal”, um “extermínio”, ou uma “onda de violência”, provocado pelo “ódio étnico” do “confronto tribal”, e compara com o genocídio ocorrido em Ruanda em 1994. Essa informação apelativa é entrelaçada com a informação da estabilidade econômica e política que o país apresentava antes do “banho de sangue pós-eleitoral”, como diz o título no jornal *O Globo* em 1º de janeiro.

O Globo é o jornal que apresenta mais palavras apelativas. Enquanto os títulos e os textos têm palavras de forte impacto, no *O Estado de S. Paulo* há, muitas

⁹ No apêndice A tem a lista que indica informações básicas das notícias analisadas nos dois jornais: a data, o autor, o título, o tipo e o tamanho dos textos publicados no período da análise.

vezes, a contagem de vítimas fatais informada logo no título. Por exemplo, em 1º de janeiro, *O Globo* tem o título: “Quênia vive banho de sangue pós-eleitoral”; e *O Estado de S. Paulo*: “Protestos deixam 125 mortos no Quênia”. No dia seguinte, quando ambos divulgam o fato que uma igreja – onde refugiados se abrigavam – foi queimada com as pessoas dentro, as notícias são intituladas “Barbárie em igreja no Quênia”, no *O Globo*; e “Violência aumenta no Quênia e número de mortos chega a 250”, no *O Estado de S. Paulo*. Nesse dia, o jornal *O Globo* divulgou uma notícia e um artigo enquanto o outro divulgou somente uma notícia (ambos os jornais também tem um infográfico para localizar onde fica o “Mapa da violência”¹⁰).

Comparando os dois jornais percebe-se a diferença de como é tratado o fato e as pessoas envolvidas. No jornal de São Paulo, a notícia se refere aos indivíduos que queimaram a igreja como “um grupo de manifestantes”, no outro são chamados de “multidão enfurecida”. *O Estado de S. Paulo* repete a palavra “violência” cinco vezes nos quatro parágrafos do texto, sendo três vezes ainda no primeiro parágrafo. Também repete “onda de violência” duas vezes para enfatizar o conflito no país sem usar palavras apelativas como o jornal *O Globo*. Como a informação no título do jornal de São Paulo indica o número de pessoas que morreram nos confrontos, ele apresenta que o mais importante é o número de vítimas e não os civis que sofrem com a atual crise.

O Globo também interpretou o fato como uma “onda de violência”, e ainda usa uma narrativa literária apelativa, como por exemplo, as frases: “acirradas batalhas entre gangues de etnias rivais” e “uma mistura de baderna, protestos políticos e violência étnica provocou a morte de dezenas de pessoas”, publicadas em 2 de janeiro. A expressão “mistura de baderna” usada no texto apresenta uma idéia editorial do jornal com o fato. Baderna é uma “desordem, bagunça”¹¹, no entanto, todos os protestos e manifestações, inclusive os violentos, foram programados antecipadamente para acontecer. Eram organizados pelas etnias para mostrar o descontentamento político, marcada pela insatisfação contra as etnias privilegiadas no país. E não uma situação de “baderna”, descrita no jornal.

¹⁰ “Mapa da violência” é o título do infográfico no *O Globo*, que apresenta um mapa em que localiza cidades “onde ocorreram distúrbios”, a quantidade de etnias no país e uma foto ilustrativa onde casas e estabelecimentos públicos pegam fogo. No *O Estado de São Paulo* o infográfico é intitulado “Onde fica”, e apresenta apenas um mapa.

¹¹ Segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 2ª edição da Nova Fronteira (1986).

O jornal *O Estado de S. Paulo* não usa com tanta freqüência as palavras apelativas, mas também não deixa de empregar este recurso textual para chamar a atenção para a violência no país. Em 4 de janeiro – uma notícia que ocupou um terço da página do caderno Internacional – o fato é descrito como uma “sangrenta disputa eleitoral”. Entretanto, a notícia tem mais informações políticas do que dos protestos ou dos refugiados. O que mais chama a atenção na notícia é a foto no centro do texto: de crianças mortas pelos distúrbios. Ao lado da notícia principal e da foto, uma outra matéria explica as diferentes etnias existentes no Quênia e em Ruanda, pois “as diferenças entre o Quênia e países como Ruanda, Burundi, Serra Leoa e Libéria devem livrar do caos a principal economia do leste da África”, isso porque no Quênia há 42 etnias diferentes, o que evitaria um genocídio como ocorreu em Ruanda em 1994, onde só havia dois grupos étnicos.

Isso contraria as primeiras informações publicadas no jornal *O Globo*. No mesmo dia, *O Globo* comparou a situação conflituosa do Quênia com Ruanda. Descreveu que “assim como ocorreu em Ruanda, velhos amigos e vizinhos de etnias diferentes da noite para o dia se tornaram inimigos mortais”. A frase e a notícia, no entanto, conduz a uma falsa interpretação do fato. Isso porque a relação das diferentes etnias não é tão harmoniosa quanto descreve o jornal, nem no Quênia e nem em Ruanda. E, ainda, especialistas discordam dessa prerrogativa de um possível genocídio no Quênia. O jornal carioca publicou essa possibilidade sem consultar especialistas, como o jornal paulista, para analisar os fatos.

Um artigo do colunista Richard Dowden publicado em 30 de janeiro no mesmo jornal diz exatamente o que *O Estado de S. Paulo* publicou no começo de janeiro, que a causa dos dois fatos são bastante diferentes. O artigo ainda desmente a informação de que vizinhos de etnias diferentes eram “velhos amigos”:

Os quicuios são o maior grupo étnico no Quênia e o que mais se beneficiou do colonialismo, através da educação e do emprego. Alguns quicuios resistiram contra a tomada de suas terras pelos britânicos. Quando o primeiro presidente do Quênia, Jomo Kenyatta, exigiu “independência já”, o Reino Unido tentou fazer uma aliança com outros grupos étnicos na oposição. O plano falhou, e semeou as sementes da desconfiança entre os povos do Quênia. (*O Globo*, 30 de janeiro de 2008).

O artigo ainda explica que as outras etnias desconfiavam dos quicuios, pois “os quenianos podem ver riqueza ao seu redor, mas quase metade deles vive na pobreza. É por isso que eles estão zangados. Eles vêem uma conspiração dos

quicuios. A eleição fraudulenta foi a gota d'água". E comparou o fato com "Bósnia, não Ruanda", que é o título do artigo.

Esse artigo de 30 de janeiro faz parte do segundo tipo de fase da notícia. Nela, desconsideram a possibilidade de genocídio e tem no *lead* a informação política e não tanto social do fato. Essa fase é do início de janeiro até o mês de fevereiro e foi um período em que os jornais explicaram a história política e étnica. Neste período, os jornais ainda retratam a violência no Quênia, mas incluem informações políticas do fato no *lead* da notícia. Por exemplo, as acusações políticas entre os rivais e a escolha do mediador para um acordo de paz.

O último tipo de fase usado nas notícias é o envolvimento dos Estados Unidos da América, da União Européia e da União Africana para mediar os rivais políticos; a ação do mediador Kofi Annan; e a denúncia dos maus-tratos da polícia queniana com os manifestantes. Todas as notícias ainda apresentam um caráter político, no entanto, com o envolvimento de comunidades internacionais.

3.3 Personagens freqüentes nas notícias

A comunidade internacional que os jornais reportam com freqüência é o envolvimento dos Estados Unidos da América (EUA) e da União Européia (UE), duas grandes potências econômicas mundiais. A diplomata americana subsecretária de Estado para assuntos africanos, Jendayi Frazer, foi enviada ao Quênia pelos EUA para conferir de perto os acontecimentos e tentar diálogo entre os políticos Odinga e Kibaki. Informação que foi muitas vezes citada nas notícias.

Também foi noticiada a preocupação de Barack Obama, pré-candidato à presidência dos EUA, que tem parentes paternos no Quênia. Em 9 de janeiro, ambos os jornais publicaram essa informação: "O clã africano dos Obama", no *O Globo*; e "No Quênia, parentes torcem por Obama", no *O Estado de S. Paulo*.

O jornal do Rio de Janeiro divulgou que o político opositor do governo queniano, Raila Odinga, deu uma declaração à rede de televisão britânica BBC dizendo que o americano Obama era seu primo. O jornal diz que "Barack Obama não pára de surpreender com sua árvore genealógica" e ainda continua: "Para quem duvida de suas raízes, basta visitar a casa humilde" da avó paterna de Obama, numa "aldeia a oeste de Nairóbi". O texto tem o caráter de conversação com o leitor e mostra como se o "famoso" político americano se surpreendesse com suas raízes

“africanas”. O fato de se espantar que o político americano tenha uma família no país africano e é primo de Odinga mostra que é algo inusitado, mas trata-se de uma curiosidade e não de uma informação importante do fato.

Diferentemente, o jornal de São Paulo faz a descrição para o leitor concluir que a casa da avó de Obama é humilde: “No final de uma estrada ladeada por mangueiras, os parentes quenianos [...] ouviam rádio sentados em cadeiras de plásticos ao ar livre, em meio a galinhas ciscando grãos de milho”. O jornal também não cita a informação de que Odinga seja primo de Obama, mas informa que o político americano entrou em contato com o queniano, dizendo-se preocupado com a situação em relação ao futuro do país. E ainda contextualiza a última visita que Obama fez ao Quênia, em que “criticou a corrupção e a política tribal que domina o Quênia desde 1963, quando o país se tornou independente da Grã-Bretanha”, e concluiu que “ambas as questões estão ligadas à violência pós-eleitoral”.

No mesmo dia, porém no verso da página sobre Obama, os jornais publicam outra notícia sobre a situação no país africano. Enquanto as notícias que se referem ao pré-candidato do governo dos EUA ocupam um quarto da página no *O Globo* e um terço no *O Estado de S. Paulo*, no espaço sobre o Quênia a notícia ocupa um sexto da página e 1/18, respectivamente. O espaço para falar sobre a situação social do Quênia é menor do que uma notícia que é curiosidade sobre a vida do pré-candidato ao governo dos EUA e ambas as notícias obtêm informações políticas do fato e não da condição da população queniana.

O jornal de São Paulo informa em uma notícia que a nomeação de 17 novos ministros, sendo nenhum do partido rival, minou “as esperanças de que estivesse chegando ao fim o banho de sangue que vem ocorrendo no país desde as eleições do dia 27” (*O Estado de S. Paulo*, 9 de janeiro de 2008) de dezembro. Uma informação política em que o “banho de sangue” se refere aos protestos violentos que persistem no país.

Outras personagens africanas também aparecem nas notícias, até por fazer parte do acontecimento, como os mediadores da crise no Quênia. O presidente de Uganda, que também é o presidente da União Africana, foi o primeiro mediador entre os políticos rivais. Contudo, a oposição rejeitou e pediu o ex-secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, para assumir a mediação da crise. E Kofi Annan foi o intermediário até o final do acordo, em 29 de fevereiro. Os jornais apontam que Annan possibilitou o acordo entre os rivais.

3.4 As fontes

Das 85 notícias analisadas, algumas apresentam fontes para comentar sobre o conflito ou dizer o que pode acontecer com o país futuramente. As fontes aparecem interpretando em apenas em uma frase o fato ou fornecem avaliações sobre o acontecimento no Quênia. Muitas destas fontes são políticos, especialistas e/ou estudiosos.

A primeira fonte que comentou sobre o fato no Quênia não foi um queniano ou um político do país. Foi o embaixador dos EUA, Michael Ranneberger, que disse na notícia publicada no *O Globo* em 31 de janeiro – depois quando a violência irrompeu o país com a reeleição do presidente Kibaki: “É um dia triste para o Quênia”.

Essa fonte analisou em uma frase o estado de espírito com conflito no Quênia. E serve como exemplo para demonstrar que a quantidade de fontes americanas e européias são bem mais do que de fontes quenianas, ou mesmo, africanas.

Apenas um estudioso queniano foi citado em uma notícia. Foi o sociólogo Alex Otieno, que trabalha na Universidade Arcadia, na Filadélfia, nos EUA. Foi em uma notícia publicada em 3 de fevereiro, pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. A jornalista entrevistou quatro especialistas.

Nesta matéria, que ocupou dois terços da página e cujo título é “Conflito étnico arrasa economia e imagem externa do Quênia”, há a informação de que “a imagem de um país estável pode sofrer arranhões tão profundos que os turistas passarão a escolher outros destinos turísticos”. A notícia oferece dados de que o turismo, a agricultura, o mercado imobiliário, a indústria e as exportações de flores e chá estavam ameaçados pelo conflito étnico que tomou conta do país.

Para isso, as fontes aparecem para opinar. Eles são estudiosos europeus e americanos, especialistas nas questões africanas. De quatro especialistas entrevistados na notícia, um era queniano. E, de todas as 85 notícias analisadas, é o único especialista queniano que opinou.

Em 19 de janeiro, o jornal carioca informou que a Comunidade Britânica foi um dos observadores internacionais que indicou irregularidades na eleição queniana. A divulgação da irregularidade acirrou os conflitos no país. A Comunidade Britânica, como foi dito, é uma associação de estados formados pelo Reino Unido,

da qual nações européias e africanas – maioria é antiga colônia britânica – fazem parte.

Os jornais, em nenhum momento, ouvem fontes ou especialistas e estudiosos brasileiros para opinar sobre o acontecimento no país africano. São ouvidos, dentre muitos outros, o Departamento de Estado Americano (EUA); o Ministério das Relações Exteriores da Grã-Bretanha e da França. No entanto, o Departamento da África (DEAF), que pertence ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil, não foi citado nos jornais analisados para avaliar o fato no Quênia e contextualizar a situação do país com as questões brasileiras ou mesmo fornecer informações se a política brasileira se manifestou sobre o conflito no Quênia.

3.5 Os autores

Nove notícias das 56 analisadas nos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* foram assinadas. No jornal do Rio de Janeiro, as três notícias com assinatura eram do jornalista Jeffrey Gentleman, do jornal norte-americano *The New York Times*. As notícias foram publicadas em 30 e 31 de dezembro de 2007 e em 20 de janeiro de 2008. O restante não foi assinado, ou seja, se supõe serem informações de agências internacionais.

No jornal de São Paulo seis notícias foram assinadas, e também há a indicação de quando a informação é de agências internacionais. Em 9 de janeiro, a notícia é assinada por Katy Pownall, jornalista da agência *Associated Press*, que foi enviada à cidade de Kogelo para entrevistar os parentes do pré-candidato à presidente dos EUA, Barack Obama. Edmund Sanders, do jornal norte-americano *Los Angeles Times*, assinou a notícia em 19 de janeiro. Ele foi enviado à cidade de Katata.

Quatro notícias são de jornalistas brasileiras. A jornalista Graça Ramos é *freelancer*¹² do caderno Internacional do *O Estado de S. Paulo* e foi à Johannesburgo, na África do Sul. Ela escreveu duas notícias especialmente para o jornal paulista¹³. E outras duas notícias são assinadas pela jornalista do *O Estado de S. Paulo*, Mariana Della Barba. Na época da análise a jornalista era uma “enviada

¹² *Freelancer* é uma palavra em inglês que denomina a pessoa que executa serviços profissionais sem vínculo empregatício.

¹³ A informação de que a jornalista Graça Ramos é *freelancer* foi enviado pelo Grupo Estado, por e-mail.

especial” na Venezuela, mas a jornalista já foi correspondente no continente africano pelo jornal paulista há alguns anos.

As outras notícias são de agências internacionais. Às vezes, o jornal indica em uma notícia até três agências como fonte da informação. Isso significa que as informações são das agências, mas quem escreveu foi um jornalista ou um estagiário do *O Estado de S. Paulo*, não identificado. O jornal de São Paulo tem serviço assinado com a agência francesa *Agence France-Press* (AFP); a norte-americana *The Associated Press* (AP); a britânica *Reuters*; a espanhola *EFE* e o jornal norte-americano *The New York Times*.

Já o jornal *O Globo* não indica que possui serviço de agências internacionais. Neste jornal, as duas entrevistas publicadas no período da análise são assinadas pela jornalista Grace Magalhães Ruether, que é correspondente do jornal carioca em Berlim, na Alemanha. A correspondente entrevistou o político alemão Alexander Lamdsdorff, chefe da equipe de observadores da União Européia nas eleições do Quênia; e a ganhadora do prêmio Nobel da Paz em 2004, Wangari Maathai.

3.6 As entrevistas e a opinião do *O Globo*

Na entrevista com o chefe de observadores da União Européia, Alexander Lamdsdorff respondeu quatro perguntas. Algumas características das perguntas feitas ao entrevistado mostram que a jornalista tem a intenção de conseguir uma resposta impactante. E conseguiu uma frase que chamasse a atenção. Inclusive, a frase está no título: “Há o risco de guerra civil”. Além disso, as perguntas não estão orientadas de acordo com a “especialidade” do entrevistado.

Por exemplo: a jornalista perguntou se os protestos foram causados pelas irregularidades nas eleições ou se decorre de um conflito antigo pelas etnias. No entanto, o entrevistado não é um historiador e responde: “Nós registramos irregularidades apenas na eleição presidencial”, que é exatamente o objetivo da missão da observação que Lamdsdorff chefia. Na terceira pergunta, Lamdsdorff esclarece que suas respostas são de um “representante da União Européia” e não de um especialista.

Já a entrevista com a ganhadora do prêmio Nobel da Paz teve o dobro de perguntas (8) e é o único texto analisado que chega a se referir ao Brasil. Maathai foi

ex-ministra do Meio Ambiente no governo de Kibaki e opinou sobre os acontecimentos no país, por vivenciar a realidade queniana. Na primeira pergunta, quando a jornalista pede sua opinião para acabar com a violência no Quênia, ela responde: “Eu gostaria de apelar também aos amigos do nosso país e da África para que ajudem. Refiro-me ao presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva”.

Essa é a única vez que cita o Brasil nas matérias sobre o Quênia. O jornal não publicou nenhum artigo, ou entrevista ou notícia relacionando o Brasil com o país africano. Não informa se a crise interfere nos acordos econômicos dos dois países, nem a situação dos brasileiros que moram no Quênia.

Os textos opinativos do jornal *O Globo* não são assinados. É um texto elaborado pelo editor-chefe do caderno O Mundo e todos os textos opinativos do jornal carioca têm quatro parágrafos, e cada um não passa de duas linhas.

A primeira “Opinião” publicada foi em 3 de janeiro e diz que “a fraude eleitoral transformou em caos tribal o precário equilíbrio étnico no Quênia” e passa apenas uma síntese das informações que estão nas notícias. Somente no último parágrafo, o texto realmente emite sua única opinião: “O importante é recuperar os fundamentos democráticos no Quênia”.

Os outros dois textos também têm a mesma característica. No dia 9 de janeiro opina que “há o risco de o banho de sangue prosseguir” e em 1º de fevereiro expõe que “é preciso que aceitem um governo de união para estancar o derramamento de sangue”.

3.7 Artigos

Todos os artigos publicados nos dois jornais analisados são de outros jornais internacionais. No *O Globo*, os dois artigos são do jornalista Steve Bloomfield e do colunista Richard Dowden, ambos do jornal londrino *Independent*. No primeiro artigo publicado em 2 de fevereiro, Bloomfield classifica que “a crise atual será o maior desafio do Quênia”.

No jornal *O Estado de S. Paulo*, os dois artigos publicados são do jornal britânico *The Guardian*. O colunista Jeevan Vasagar e a escritora e dramaturga Andia Kisia, escreveram o artigo para o jornal britânico. Os artigos contextualizam o fato. No artigo de Vasagar, o autor diz que o fato no Quênia não é como Ruanda, “e este não é um genocídio orquestrado”; já a escritora Kisia diz que “o país está

implodindo” e disse que sempre houve um “ódio permanente em torno das terras e de sua distribuição” no Quênia, o que causou a expulsão de algumas famílias de suas casas pelas etnias rivais.

O último artigo que se refere ao Quênia no jornal paulista foi publicado em 24 de fevereiro. É um artigo de Donald Steinberg, vice-presidente para política do *Internacional Inter Crisis Group*. O artigo foi publicado no *O Estado de S. Paulo* com autorização de *Yale Global Online* e é uma crítica à visita do presidente norte-americano George W. Bush à África. Steinberg diz que não é de se “surpreender que esse presidente [Bush] avesso a crises não esteja visitando nenhum desses países”, citando a Nigéria, o Zimbábue e o Quênia. O autor, que já foi assessor especial para a África durante o governo de Bill Clinton, responsabiliza a comunidade internacional, incluindo os EUA, pelos fatores internos que causaram a crise no Quênia.

3.8 Etnia versus Tribo

No Quênia há aproximadamente 42 etnias existentes, como os jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* informaram. E é por isso que os especialistas entrevistados desconsideraram a possibilidade de genocídio no país: por causa da diversidade de grupos étnicos. Cada grupo possui sua cultura, suas crenças e sua própria história, num mesmo país.

De acordo com o *Dicionário de Ciências Sociais*, o termo etnia “é empregado na literatura antropológica para designar um grupo social que se diferencia de outros grupos por sua especificidade cultural” (SILVA, 1986, p. 435). Para alguns autores “a noção de etnia supõe uma base biológica [...], um grupo com características raciais próprias” (SILVA, 1986, p. 436). E o emprego de “etnia” “é sempre no sentido de um mero qualificador de grupo étnico” (SILVA, 1986, p. 436) que existe em uma determinada área.

O importante é que na “antropologia atual existe uma estreita associação entre etnia e cultura” (SILVA, 1986, p. 436). Por isso, a associação de etnia e “raça” não pode ser tomada como sinônimo. O termo “raça” foi eliminado na antropologia cultural mais por “razões de ordem ética e política do que científica”, por causa dos excessos do racismo, a discriminação pelas diferentes raças.

A palavra tribo, segundo o *Dicionário de Ciências Sociais*, é um “sistema de organização social que inclui vários grupos locais [...] e que inclui também, normalmente, um território, uma língua e uma cultura comum” (SILVA, 1986, p.1259). Mas o dicionário nota que existe uma crise de conceito na palavra e “por isso na etnologia brasileira é cada vez mais raro o uso do termo” (SILVA, 1986, p. 1260). Isso é devido

não só à imprecisão dos critérios ou o compromisso histórico do conceito com o evolucionismo, mas sobretudo, em função de sua construção no nível das aparências, portanto empirista e ideológica, ignorando a diversidade subjacente (SILVA, 1986, p. 1260).

O termo “tribo” foi usado 36 vezes para substituir o termo “etnia” nos 85 textos analisados. O jornal *O Globo* foi o que mais empregou a palavra tribo para mencionar as etnias luos ou quicuios. Já na primeira notícia, usou a expressão “confronto tribal” para especificar o conflito entre essas duas etnias. O jornal também usou expressões como “guerra tribal” e “sangria tribal” em outras notícias, trata-se de uma mensagem apelativa com a combinação das duas palavras.

Em uma única notícia de oito parágrafos, publicado no jornal *O Globo*, “tribo” foi usada cinco vezes. A notícia foi publicada em 22 de janeiro e foi o jornalista do *The New York Times*, Jeffrey Gentleman, que assinou a matéria. Muitas vezes nas quais as notícias substituíam a palavra etnia por tribo, o autor era do jornal norte-americano, inclusive nas notícias publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*.

Talvez para os americanos, a substituição da palavra etnia e tribo não altera a interpretação sobre o povo queniano, mas a substituição para os leitores brasileiros pode gerar uma errada denominação sobre a população queniana. A palavra “tribo” no Brasil é ligada aos indígenas, e sendo empregada para denominar a população queniana pode gerar uma idéia de uma sociedade reclusa em sua área, primária e sedentária. No entanto, as etnias no Quênia não são fixas em suas áreas. No país, o regime é uma república presidencialista. E, além disso, o Quênia foi considerado – como os jornais informaram muitas vezes nas notícias – como um dos países mais estáveis e democráticos do continente africano, antes do conflito surgir no país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de conteúdo dos 85 textos publicados de dezembro de 2007 a fevereiro de 2008 sobre o conflito civil no Quênia permitiu verificar como os jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* se referem à situação da mais recente e, segundo analistas, pior crise no país, desde a tentativa do golpe político em 1982. Constatou-se que os confrontos, iniciados após o conflito das diferentes etnias, foi o que chamou a atenção dos jornalistas, pois, inicialmente, a questão do futuro político no Quênia (a eleição) não foi divulgada.

Concluiu-se, também, que os jornais pouco se importaram em divulgar a situação da população, que precisou, por causa da violência, se refugiar para os países vizinhos. Muitas notícias se referiam às contestações políticas no país e principalmente ao conflito, denominando a situação como um “banho de sangue”, como no caso do jornal *O Globo*. *O Estado de S. Paulo*, por outro lado, publicou notícias com citações dos civis que sofreram com os confrontos, e de alguns refugiados. Porém, poucas são as notícias que tratam desse assunto.

Sem possuir um correspondente internacional na África (o jornal paulista possuiu uma *freelancer* na África do Sul, mas essa só escreveu duas notícias, das 56 divulgadas), os jornais recorreram aos textos das agências internacionais para colher informações da crise no Quênia, ou até mesmo, publicaram o texto das agências na íntegra. O jornal carioca não publicou nenhuma notícia a partir de informações de jornais quenianos. O jornal *O Estado de S. Paulo* também se diferenciou nesse aspecto, no entanto, a fonte de informação continuou sendo as agências internacionais, pois estas procuraram as informações nos jornais do Quênia.

A imagem do povo queniano se formando a partir das informações divulgadas nos jornais brasileiros é precária, pois o conhecimento do fato pelos leitores brasileiros foi moldado por agências européias e pelo jornal norte-americano *The New York Times*. A visão do acontecimento no Quênia foi puramente estrangeira, desta forma, os fatos no país não foram envolvidos com as questões brasileiras, como a de brasileiros que vivem no Quênia, ou se os confrontos interferem nos acordos econômicos e políticos firmados com o Brasil.

Por serem notícias de agências internacionais, o Departamento da África (DEAF) do Ministério das Relações Exteriores no Brasil não foi procurado para comentar o acontecimento da crise no Quênia. No entanto, o Ministério das Relações Exteriores da França e de outros países europeus foram procurados para comentar o caso. Isso porque os autores das notícias são, sobretudo, agências européias e não de jornalistas brasileiros. Com isso, a informação foi prejudicada para os leitores brasileiros pela única e exclusiva procura de conhecimento por intermédio dessas agências internacionais. Os próprios jornais brasileiros poderiam consultar jornais quenianos para colher informações, mas não o fizeram.

O texto das agências internacionais poderia ser diferente quando se refere às etnias existentes no Quênia, se comparado com um jornalista brasileiro relatando o fato. Como visto no capítulo da análise, as etnias eram mencionadas algumas vezes como tribos, principalmente quando a fonte de informação era o jornal norte-americano *The New York Times*. E apesar dessa substituição não ser errada (porém não pode ser tomado como um sinônimo de etnia), o uso da palavra tribo deve ser cauteloso, pois para o conhecimento dos leitores brasileiros tribo é um grupo social primitivo e recluso em sua área, diferente da realidade dos luos e quicuios, principais etnias das 42 existentes no país.

Como o Quênia é um dos países mais estáveis do continente e considerado um dos mais democráticos, apesar do conflito ter abalado essa prerrogativa, a situação no Quênia ainda é considerada melhor que a situação dos países vizinhos e, mesmo assim, os jornais brasileiros procuraram as informações a partir de agências internacionais, pode-se crer que a cobertura nos outros países africanos não será diferente. E os povos africanos continuarão sendo vistos pelos olhares europeus e americanos, e não pelos brasileiros.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura.** Tradução de Vera Ribeiro; revisão de tradução Fernando Rosa Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. UFMG, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Tradução de Maria Alexandra Figueiredo, Catarina Lorga da Silva e Vaco Gil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

HALL, Stuart e WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação.** Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** São Paulo: Atlas, 1996.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional.** São Paulo: Contexto, 2004.

OLIC, Nelson Bacic; CANEPA, Beatriz. **África: Terra, sociedades e conflitos.** São Paulo: Moderna, 2004.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SILVA, Benedicto (Org). **Dicionário de Ciências Sociais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SPONHOLZ, Liriam. Entre senso comum e ciência: o conhecimento híbrido do jornalismo. **Ciências & Cognição**, (s.e.), ano 4, v. 10, p. 2-14, 2007. Disponível em <www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 12 abr. 2008.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**: As “teorias” do jornalismo e os efeitos sociais dos *media* jornalísticos. – Coimbra: Minerva, 2000.

APÊNDICE A – LISTA DE NOTÍCIAS

O Globo – O MUNDO

Data	Autor	Título	Tipo	Tamanho
30/12	Jeffrey Gettleman	Eleições deflagram revolta no Quênia	Notícia	1/4
31/12	Jeffrey Gettleman	Reeleição de presidente em votação polêmica mergulha Quênia na violência	Notícia	1/4
01/01	Sem autor	Quênia vive banho de sangue pós-eleitoral	Notícia	1/3
01/01	Sem autor	Um oásis de estabilidade	Notícia	1/12
02/01	Sem autor	Barbárie em igreja no Quênia	Notícia	3/4
02/01	Steve Bloomfield	Tensões sob a superfície	Artigo	1/4
03/01	Sem autor	Quênia: governo e oposição falam em genocídio	Notícia	3/4
03/01	Do El País	Sinal de alerta para o turismo	Notícia	1/4
03/01	Grace Magalhães Ruether	“Há o risco de guerra civil”	Entrevista	1/6
03/01	Sem autor	URGENTE PACIFICAÇÃO	Opinião	1/15
04/01	Sem autor	Quênia: procurador pede recontagem de votos	Notícia	3/5
04/01	Com o NYT	Confrontos que lembram Ruanda	Notícia	1/7
04/01	Sem autor	Crise atinge três países	Notícia	1/12
05/01	Sem autor	Presidente do Quênia admite fazer nova eleição	Notícia	1/4
06/01	Sem autor	Quênia: oposição rejeita governo de coalizão	Notícia	1/9
07/01	Sem autor	Quênia: possibilidade de acordo	Notícia	1/5
08/01	Sem autor	Quênia: reunião de líderes para por fim à crise	Notícia	3/4
09/01	Sem autor	O clã africano dos Obama	Notícia	1/4
09/01	Sem autor	Quênia: novos distúrbios após anúncio de ministro	Notícia	1/6
09/01	Sem autor	Ministério explosivo	Opinião	1/24
12/01	Sem autor	Protestos no Quênia	Nota	1/24
17/01	Sem autor	Protestos voltam a sacudir o Quênia	Notícia	2/5
18/01	Sem autor	Quênia: oposição denuncia extermínio	Notícia	2/5
19/01	Sem autor	Quênia: boicote a empresas ligadas a Kibaki	Notícia	3/5
20/01	Grace Magalhães Ruether	Um pedido a Lula, em nome do Quênia	Entrevista	2,5/4

21/01	Sem autor	Violência e morte no Quênia	Nota	1/24
22/01	Jeffrey Gettleman	Quênia: mortes étnicas teriam sido planejadas	Notícia	1/6
28/01	Sem autor	Quênia sofre nova onda de violência	Notícia	2/5
29/01	Sem autor	Violência étnica no Quênia se espalha e mata mais 130	Notícia	1/4
30/01	Sem autor	Quênia: assassinato político aumenta violência	Notícia	2/4
30/01	Richard Dowden	Bósnia, não Ruanda	Artigo	1/6
31/01	Sem autor	EUA vêm 'limpeza étnica' no Quênia	Notícia	2/6
01/02	Sem autor	Outro deputado é morto no Quênia	Notícia	1/5
01/02	Sem autor	Mais pressão	Opinião	1/12
02/02	Sem autor	Quênia: governo e oposição criam agenda de acordo	Notícia	1/7
17/02	Sem autor	Bush na África	Nota	1/24
29/02	Sem autor	Acordo entre rivais divide poder na Quênia	Notícia	1/12

O Estado de S. Paulo - INTERNACIONAL

Data	Autor	Título	Tipo	Tamanho
30/12	Sem autor	Oposição declara vitória em eleição presidencial	Nota	1/23
31/12	Sem autor	Reeleição de presidente causa onda de violência	Nota	1/24
01/01	Reuters, EFE	Protestos deixam 125 mortos no Quênia	Notícia	1/2
02/01	AP, AFP Reuters	Violência aumenta no Quênia e número de mortos chega a 250	Notícia	1/2
03/01	Graça Ramos	Eleição acirra ódio étnico no Quênia	Notícia	1/2
04/01	AFP	Polícia queniana impede protesto contra governo	Notícia	1/3
04/01	AFP	País tem 42 etnias, mas nenhuma dominante	Notícia	1/12
05/01	AP, Reuters	Governo diz que aceitaria novas eleições no Quênia	Notícia	1/4
05/01	AFP, Reuters	Ex-atleta é morto em distúrbios	Notícia	1/4
06/01	Graça Ramos	África estável depende de paz no Quênia	Notícia	2/3
06/01	AFP	Líder da oposição rejeita coalizão com o presidente	Notícia	1/20
06/01	Jeevan Vasagar	Futuro dos quenianos está nas mãos de dois ex-aliados	Artigo	1/3
07/01	Sem autor	Oposição convoca protesto para	Nota	1/24

		amanhã		
08/01	AP, NYT, Reuters	Mortos no Quênia 'passam de mil'	Notícia	1/3
08/01	NYT	Tribo privilegiado, Kykuys agora são obrigados a fugir	Notícia	1/18
09/01	Katy Pownall	No Quênia, parentes torcem por Obama (não fala sobre situação do país)	Notícia	1/3
09/01	AP, Reuters	Nomeação de gabinete cria mais conflitos no Quênia	Notícia	1/18
10/01	AP	Enviado da UA se reúne com rivais quenianos	Notícia	1/18
11/01	Sem autor	Kofi Annan assume mediação de crise	Nota	1/24
13/01	Sem autor	Jornais quenianos apelam por fim da crise	Nota	1/24
17/01	Sem autor	Choque entre oposição e polícia mata 3 pessoas	Nota	1/23
18/01	EFE, Reuters	Confrontos entre manifestantes e policiais no Quênia deixam 7 mortos	Notícia	1/15
19/01	Reuters	Novos confrontos deixam 13 mortos no Quênia	Notícia	2/5
19/01	Edmundo Sanders	Violência tem raízes mais econômicas do que étnicas	Notícia	1/5
21/01	AP	Violência étnica mata 3 pessoas no Quênia	Notícia	1/12
22/01	Sem autor	Violência mata mais 5 e total de mortos é de 650 pessoas	Nota	1/24
23/01	Sem autor	Maratonista é morto por flecha envenenada	Nota	1/24
24/01	AP, Reuters	Violência explode em funeral de oposição no Quênia	Notícia	1/4
25/01	AP, EFE, Reuters	Governo e oposição reúnem-se no Quênia	Notícia	1/5
26/01	AP, Reuters	Toque de recolher é decretado no Quênia	Notícia	1/6
27/01	Sem autor	Mais de 20 mortos em confronto étnico	Nota	1/24
28/01	Sem autor	Violência étnica deixa mais 19 mortos no país	Nota	1/22
29/01	AP, NYT, Reuters	Violência arrasa oeste do Quênia	Notícia	1/3
30/01	Mariana Della Barba	Assassinato de senador agrava conflito no Quênia	Notícia	1/2
31/01	Sem autor	Para EUA, 'há limpeza étnica no Quênia'	Notícia	1/2
01/02	AP, AFP, EFE e	Deputado opositor é assassinado no Quênia	Notícia	1/5

	Reuters			
02/02	AP, EFE, Reuters	Rivais chegam a acordo no Quênia	Notícia	1/2
03/02	Mariana Della Barba	Conflito étnico arrasa economia e imagem externa do Quênia	Notícia	2/3
03/02	AFP, Reuters	Acordo não põe fim à violência	Notícia	2/24
03/02	Andia Kisia	O risco de semear a tempestade	Artigo	1/3
05/02	Sem autor	Governo rejeita mediador de Annan	Nota	1/24
06/02	Sem autor	Crise no Quênia já deixou mais de mil mortos	Nota	1/24
16/02	Sem autor	Governo e oposição aceitam rever eleição	Nota	1/24
21/02	Sem autor	Oposição ameaça retornar protestos	Nota	1/24
24/02	Donald Steinberg	Bush na África: um continente à deriva (cita Quênia)	Artigo	1/2
26/02	Sem autor	Violência pós-eleitoral matou 1.500, diz polícia	Nota	1/24
27/02	Sem autor	Annan suspende mediação de conflito	Nota	1/24
29/02	AP, Reuters	Rivais no Quênia assinam acordo	Notícia	1/6

ANEXO A – MAPA DO QUÊNIA



Barbárie em igreja no Quênia

Multidão põe fogo em templo e mata 50, acirrando violência étnica pós-eleitoral no país

Cerca de 50 pessoas que buscavam refúgio em uma igreja foram queimadas vivas por uma multidão enfurecida ontem no Quênia, num dos mais bárbaros episódios da onda de violência que ameaça deflagrar uma guerra étnica no país — até agora considerado a democracia mais próspera e estável da África. Mais de 250 pessoas morreram e cerca de 70 mil foram expulsas de suas cidades, em quatro dias de revolta de integrantes da etnia Luo contra a controversa reeleição do presidente Mwai Kibaki, que pertence à etnia rival quicuio. Kibaki foi declarado vencedor no domingo, mas até sexta-feira o candidato da oposição, Raila Odinga, um Luo, liderava a apuração por mais de um milhão de votos.

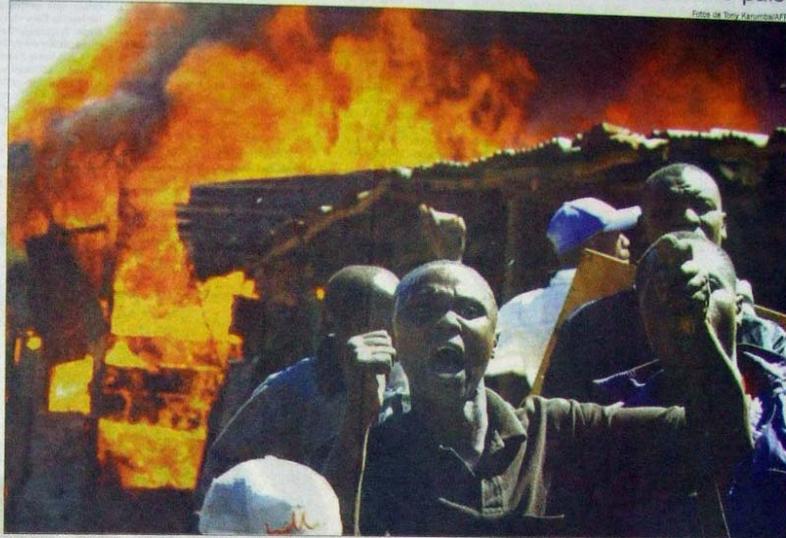
Ontem, a União Européia confirmou que há evidências de fraude eleitoral e pediu uma apuração independente. O governo do Quênia negou o pedido e alertou que reagirá com rigor a "qualquer violação da lei e da ordem". Comícios também foram proibidos.

Crianças entre as vítimas de ataque

As vítimas do ataque à igreja perto da cidade de Eldoret, entre as várias crianças, pertenciam à etnia quicuio — que representa cerca de 22% da população do país. A Cruz Vermelha afirmou que em torno de 400 pessoas estavam no templo da Assembleia de Deus quando ocorreu o ataque. Testemunhas disseram que muitos dos refugiados na igreja tinham sido espancados momentos antes, do lado de fora. Uma multidão de jovens identificados como Luo jogou gasolina e ateou fogo à igreja.

Cerca de 25 crianças e quatro idosos morreram. As pessoas que tentaram impedir o ataque foram espancadas — disse uma testemunha do ataque.

A violência que começou nas favelas de Nairobi se espalhou pelo país, alcançando das cidades da costa do Oceano Índico aos tranquilos povoados das savanas. Ontem, algumas regiões de Nairobi pareciam ter recupera-



MORADORES DA favela de Mathari, em Nairobi, gritam contra grupo de etnia rival: mais de 250 mortos em revolta contra resultado de eleição suspeita de fraude

do alguma normalidade, com postos de gasolina reabrindo e a presença de soldados nas ruas. Porém, nas favelas, acirradas batalhas entre gangues de etnias rivais continuavam. Em algumas áreas, caminhões com milícias percorriam um cenário devastado, com carcaças de carros queimados e casas abandonadas. Grupos de jovens armados montavam barricadas separando bairros quicuios dos de Luo.

A eleição de Kibaki fez emergir um perigoso ressentimento de Luo contra os quicuios, grupo étnico privilegiado do Quênia que domina os negócios e a política do país desde sua independência, em 1963.

Testemunhas disseram ontem que gangues pararam carros e obrigaram os passageiros a descerem e a se identificarem para determinar se eram quicuios — o que normalmente pode ser descoberto pelo sobrenome. Se fossem, eram linchados.

A luta mais intensa, no entanto, ocorreu no Quênia ocidental, reduto de Odinga, onde uma mistura de bandidagem, protesto político e violência étnica provocou a morte de dezenas de pessoas. A polícia reagiu atirando contra os manifestantes e estabelecendo toque de recolher em Kisumu, impedindo que as pessoas deixem suas casas à noite e proibindo a reunião de mais de duas pessoas durante o dia. O ministro de Segurança do Quênia proibiu a transmissão ao vivo de programas de TV de audiência nacional porque, segundo ele, a cobertura da crise estava incitando novos rebeldes. A União Européia e o Japão apelaram a Kibaki e Odinga a agirem para pôr fim à matança.

Muitos quenianos, orgulhosos de um país dos mais prósperos da África, disseram-se envergonhados. — Voltamos aos dias da ditadura — disse Malina Kiai, presidente da Comissão Nacional do Quênia para Direitos Humanos.

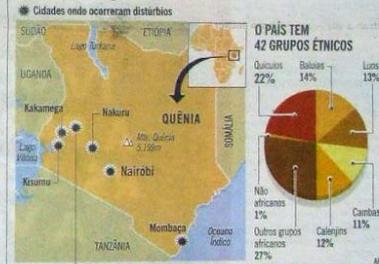
Mas muitos ainda creem na democracia. Ontem, centenas de pessoas de uma favela de quicuios e Luo fizeram uma marcha pela paz.

Com o New York Times



UMA MULHER se desespera do lado de fora da igreja incendiada perto de Eldoret

O mapa da violência



ELDORET: Ataque à igreja deixa 50 mortos; 15 mil pessoas estão refugiadas em igrejas e delegacias na cidade

Número de mortos em distúrbios varia de 200 a 250

Tensões sob a superfície

Steve Bloomfield

• LONDRES. O Quênia é uma raridade entre os países africanos. Enquanto seus vizinhos Sudão, Etiópia, Uganda e Somália foram, em um momento ou outro, dilacerados por guerra civil, o Quênia se manteve estável. Num país composto por 42 grupos étnicos distintos, as tensões que existem entre certas comunidades nunca transbordaram em uma guerra aberta. Confrontos étnicos chegaram a ocorrer recentemente na região do Monte Elgon, próxima à fronteira com Uganda, mas o país como um todo manteve-se unido.

A crise atual será o maior desafio do Quênia. Os Luo, o terceiro maior grupo étnico do país e um dos mais marginalizados, acreditaram que, finalmente, teriam sua vez de governar. Os quicuios, a mais numerosa tribo queniana, já deram três presidentes à nação e mantiveram suas influentes posições durante o governo de Daniel arap Moi, da etnia calenjin.

Os políticos nunca se esquivaram de pôr mais lenha na fogueira das tensões étnicas, favorecendo seus grupos, uma vez no poder. Esse tribalismo começou com o fundador do Quênia moderno Jomo Kenyatta, foi aprimorado por Moi e superaprimorado por Kibaki, avalia Elvis, um jovem contador em Kilera, que se negou a dar seu sobrenome, pois isto revelaria sua etnia. "Sou um queniano, esta é a minha tribo."

Kisumu, a terceira maior cidade do Quênia e o coração da etnia Luo, vem sofrendo com a falta de investimentos. No início do ano passado, votos para a cidade foram cancelados porque a pista do aeroporto, suscitada, não dava condições de segurança às aeronaves. Num nítido contraste, Eldoret, uma pequena cidade comercial na província natal de Moi, tem um aeroporto moderno, comparável aos de pequenas cidades europeias.

Todos os cargos importantes nos setores econômico e de segurança foram ocupados por quicuios, parte

da chamada "máfia do Monte Quênia". Esta "máfia" que diplomatas e analistas em Nairobi creem estar por trás da manipulação das urnas.

O ódio que se espalha pelo Quênia por causa do resultado eleitoral não se limita aos Luo. Odinga era apontado como favorito em seis das oito províncias e as notícias dos conflitos vêm desde a região portuária do Lago Vitória, no oeste, à costa do Oceano Índico, no leste.

Antes das eleições, simpatizantes de Odinga disseram que a vitória representaria "sua vez de comer", uma referência ao espólio que vêm com o poder. Porém, mesmo que de algum modo ele assuma, é pouco provável que a vida mude para muitos dos Luo pobres que hoje lutam nas ruas. Se a história se repetir de parâmetro, os únicos que vão "comer" são os ricos e os bem-conectados. Os pobres, sejam quicuios, calenjin ou Luo, permanecerão pobres.

STEVE BLOOMFIELD é jornalista do Independent

Americano é morto no Sudão

Diplomata levou 5 tiros. Ignora-se se foi atentado

• CARTUM. Um diplomata americano morreu ontem ao ser baleado no Sudão, num ataque que também custou a vida do motorista, revelou a Embaixada dos Estados Unidos no país. O incidente ocorre um dia após o motorista assassinado chamava-se Abdel Rahman Abbas, de 40 anos. O ataque ocorreu por volta das 14h da madrugada de ontem (horário local), quando o veículo se dirigia a um subúrbio a oeste de Cartum, capital do Sudão.

A Sina, agência de notícias oficial do país, disse que, segundo o Ministério das Relações Exteriores, o incidente foi um ato "isolado e sem conotações políticas ou ideológicas". O ministério prometeu que os culpados serão levados à Justiça.

Em Buffalo, no estado de Nova York, familiares do diplomata confirmaram se tratar de John Granville. Seu tio, Daniel Granville, afirmou que a família estava extremamente comovida para fazer mais comentários.

O Ministério de Relações Exteriores do Sudão afirmou que o americano recebeu cinco tiros na mão, no ombro e no estômago. O órgão acrescentou que o motorista assassinado chamava-se Abdel Rahman Abbas, de 40 anos. O ataque ocorreu por volta das 14h da madrugada de ontem (horário local), quando o veículo se dirigia a um subúrbio a oeste de Cartum, capital do Sudão.

A Sina, agência de notícias oficial do país, disse que, segundo o Ministério das Relações Exteriores, o incidente foi um ato "isolado e sem conotações políticas ou ideológicas". O ministério prometeu que os culpados serão levados à Justiça.

ANEXO C – O ESTADO DE S. PAULO, 2 DE JANEIRO DE 2008

A10 | INTERNACIONAL | QUARTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 2008
O ESTADO DE S. PAULO

ÁFRICA

Violência aumenta no Quênia e número de mortos chega a 250

Multidão coloca fogo em igreja no interior do país e cerca de 50 pessoas morrem queimadas

NAIROBI

O número de mortes causadas pela onda de violência que tomou conta do Quênia subiu para 250. Ontem um grupo de manifestantes colocou fogo em uma igreja em Eldoret, a 800 quilômetros de Nairóbi, capital queniana. Cerca de 50 pessoas foram queimadas vivas, a maioria crianças que usavam o local como abrigo.

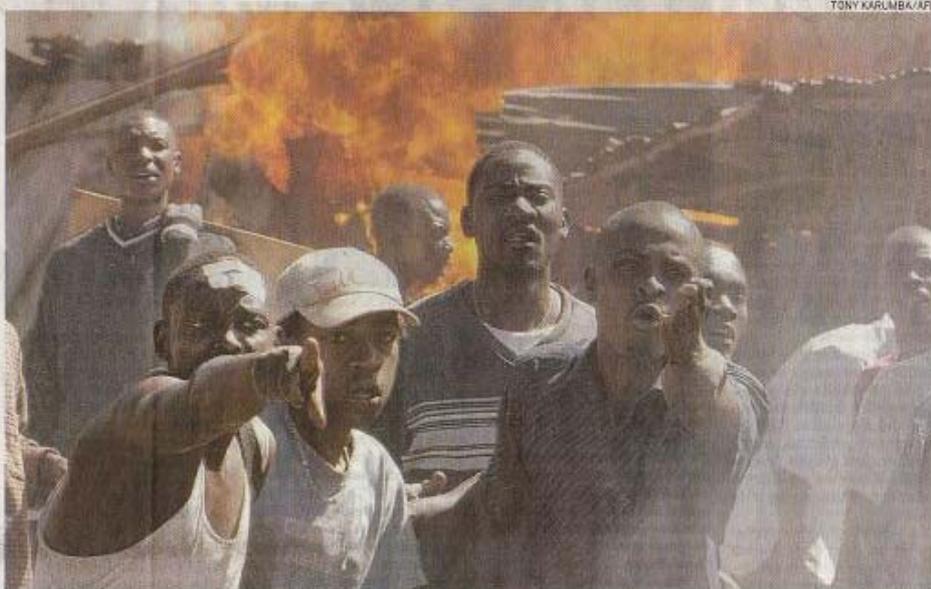
A violência fez com que pelo menos 70 mil pessoas fugissem de suas casas no oeste do país. Imagens aéreas do local mostraram centenas de casas e barracos incendiados, assim como vários postos de controle instalados nas estradas da região. "É um desastre nacional", afirmou o secretário-geral da Cruz Vermelha queniana, Abbas Gullet.

A atual onda de violência já é a mais grave registrada no país desde uma tentativa de golpe de Estado frustrada em 1982 contra o então presidente Daniel Arap Moi. A explosão de violência começou no domingo, após a posse do presidente Mwai Kibaki.

A oposição, liderada por Raila Odinga, acusa Kibaki de ter fraudado as eleições e de ser responsável pela fúria da população. O presidente tomou posse para um segundo mandato apenas uma hora depois de ter sido declarado vencedor.

DIÁLOGO

Kibaki convocou ontem uma reunião com dirigentes de partidos políticos para tentar encontrar uma maneira de fazer com que a paz retorne ao país. Odi-



TONY KARUMBA/AFP

CONFUSÃO – Em Nairóbi, grupos rivais fazem protestos; violência fez com que 70 mil pessoas fugissem de suas casas no oeste do país



ga, porém, recusou-se a participar. "Se ele (Kibaki) anunciar que não foi eleito, então conversaremos", afirmou o opositor, que não aceitou o resultado da eleição e acusa o presidente de genocídio.

Preocupada com a incontrolável escalada da violência no país, a comunidade internacional voltou a pedir diálogo entre Kibaki e Odinga. Em um primeiro momento, Washington deu

os parabéns a Kibaki, mas logo em seguida mudou de atitude e expressou "preocupação com as irregularidades".

Grã-Bretanha e União Europeia (UE) sequer enviaram congratulações ao presidente eleito e pediram a reconciliação dos dois lados. A missão de observadores da UE requisitou ontem uma investigação independente sobre as eleições realizadas na semana passada. Os dele-

gados da UE afirmaram que quase todas as irregularidades detectadas beneficiaram o partido do presidente Kibaki.

Segundo os resultados oficiais das eleições, a diferença entre os dois candidatos foi de 231.728 votos. A oposição, contudo, acusa o presidente Kibaki de ter fraudado pelo menos 300 mil cédulas eleitorais. ● AP, AFP E REUTERS

ANEXO D – O GLOBO, 20 DE JANEIRO DE 2008

42 • O MUNDO

O GLOBO

2ª edição • Domingo, 20 de janeiro de 2008

Um pedido a Lula, em nome do Quênia

Nobel da Paz diz que única maneira de combater violência em seu país é mediar conversações entre governo e oposição

ENTREVISTA

Wangari Maathai

União Africana vai apelar ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, "um grande amigo da África", por ajuda num diálogo entre o líder da oposição

58 ANOS. Wangari Maathai, 67 anos, Nobel da Paz de 2004, diz que a

quentana, Raila Odinga, e o presidente, Mwai Kibaki. Em entrevista ao GLOBO por telefone, de Nairóbi, a ex-ministra do Meio Ambiente do Quênia diz esperar ajuda também do pré-candidato democrata à Casa Branca Barack Obama, filho de queniano. "Vivemos uma tragédia nunca vista no

país, e creio que o clima de violência contamina outros países africanos", desabafou ela, conhecida como "a voz verde da África". Maathai pertence à etnia kikulo — vítima de grande parte dos ataques atuais no Quênia, perpetrados pela etnia rival luo.

Grça Magalhães Ruffier

Correspondente

O GLOBO: O que há de tão especial em pedir ao Lula para acabar com a violência no Quênia?

WANGARI MAATHAI: O único meio de acabar com a violência no país é conseguir por o presidente Mwai Kibaki e o candidato da oposição Raila Odinga em uma mesa de negociações. Eu apelo à comunidade internacional para que use todo seu poder de influência para pressionar ambos a acabar, assim, com o deterioramento de nosso. Já cheguei a Nairóbi a negociadoras Grça Macheli, esposa do ex-presidente africano Nelson Mandela, e Benjamin Mupya, ex-presidente da Tanzânia. Eles agradeceram a chegada do secretário geral da ONU, Kofi Annan, que vai tentar uma negociação. Mas eu gostaria de apelar também aos amigos do nosso país e da África para que ajudem. Refiro-me ao presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, que vive a horas de receber por ocasião de um encontro em Brasília, uma cidade linda, em 2005. A União Africana poderá pedir a ajuda do presidente Lula, que é um grande amigo da África. Também o político americano Barack Obama, filho de um queniano e adotado aqui por toda a América, poderia exercer pressão sobre os dois grupos rivais (governo e luo).

• O pré-candidato democrata à Casa Branca Barack Obama é descendente de uma família de sua. Ele é amigo de amigos meus. Ele é amigo de amigos meus. Ele é amigo de amigos meus. Ele é amigo de amigos meus.

MAATHAI: Obama é um grande amigo do Quênia. Ele é amigo e admirado por todos os etnias e etnias no mesmo país (uma mensagem, apelando pela reconciliação



PARTEIDADO DO líder oposicionista Odinga pula em catraca vencida de carro na favela de Kibera, uma das maiores da África, brevidade

ção e diálogo. Eu lembro que os valores democráticos devem ser respeitados, que isso, o resultado da votação deveria ser respeitado.

• Por que o senhor abandona o governo do presidente Mwai Kibaki?

MAATHAI: Eu fiz parte desse governo mais de dez anos. As causas da crise de hoje já começaram há muitos anos. Kibaki e Odinga foram no passado aliados. Os dois lutaram juntos para derrotar o governo do então presidente Daniel Arap Moi, Odinga apóia Kibaki, que venceu a eleição. Mas o presidente Kibaki não cumpriu a sua promessa, de ajudar Odinga para

primeiro-ministro. Ele tratou assim os quenianos, que se indignaram porque queriam uma mudança no país, um governo com representantes das duas principais etnias, os kikulo e os luo. Hoje Kibaki está isolado, porque cometeu muitos erros. Eu deturo o governo porque a sua política causou uma divisão dramática do país. Além disso, vive divergências com o presidente no que se refere ao projeto de uma nova Constituição, que dá a ele mais poderes.

• Raila Odinga acusa Kibaki de fraude eleitoral. A senhora concorda com ele?

MAATHAI: Não sei se houve ou não fraude. A contagem eleitoral

concretou o grande erro de ter demorado bastante para anunciar o resultado. Todo o processo ocorreu de uma forma misteriosa, sem transparência, criando um clima de enorme desconfiança no país.

• A senhora foi amiga como presidente um acordo entre Kibaki e Odinga?

MAATHAI: O problema é que Odinga se recusa a participar de um governo porque julga que ele ganhou e Kibaki perdeu a eleição. De outra parte eu diria não sabemos quantos ganham. Mas os dois poderiam chegar a um acordo para acabar imediatamente com o conflito, que ameaça dividir o país. Isso poderia

ter sido um empreendimento de negociação e planejar um passo seguinte, como a realização de novas eleições. Já com o início do diálogo seria possível acabar com o clima de ódio.

• O conflito entre Odinga e Kibaki é determinado também pela rivalidade entre as duas principais etnias do país?

MAATHAI: Em geral, há a tendência de se associar qualquer conflito na África a conflitos das etnias. Isso é um problema, mas não posso confirmar. Mas a crise atual do Quênia é alimentada por dois focos de divergência. Trata-se de uma crise política, de dois políticos e seus grupos que se lutam para si o poder.

be a senhora não para o "petiteiro", como é chamado o grupo do partido da oposição, Movimento Democrático Luvai (MDL), de Odinga, só com as suas reuniões são todos de uma mesma tribo. Também o grupo de Kibaki é praticamente todo de etnia kikulo. Os dois grupos usam as ameaças dos que cabem entre as etnias para ficar possível política.

• Como integrare de etnia dos kikulos, que são sido perseguidos por outros etnias, o senhor não está de acordo?

MAATHAI: Eu estou felizmente chocada com o que está acontecendo. Nunca julguei que isso fosse possível no Quênia, um país que havia aprendido nos últimos anos uma vida civilizada e a cultivar valores de sociedade civil. Então, muito triste e com muito medo que o conflito atual escale e transforme-se em guerra civil. Há uma escalada de ódio entre as etnias. Não vivemos uma tragédia nunca vista antes no país e creio que o clima de violência continuará entre países africanos. Não esqueça que o Quênia era um dos países de melhor situação e estabilidade na África. Portanto, é ainda mais importante que a comunidade internacional pressione Kibaki e Odinga.

• A senhora tem conseguido estabelecer um diálogo com o presidente Kibaki?

MAATHAI: Eu tentei, mas é muito difícil. Minha expectativa foi muito alta que o início de outras negociações. Muitos dos meus funcionários deturpam Nairóbi, para fugir da violência. Outros pediram para virar. Todos estamos preocupados com a situação. Os nossos parentes estão na maioria perigosos no momento. ■

ANEXO E – O ESTADO DE S. PAULO, 6 DE JANEIRO DE 2008

TRAGÉDIA AFRICANA

África estável depende de paz no Quênia

País funciona como escoadouro da produção de vários países vizinhos que têm economia atrelada à queniense

Grça Ramos
ESPECIAL PARA O ESTADO
JOHANNESBURGO

Os esforços internacionais para obter um acordo de paz no Quênia estão relacionados à posição estratégica que o país ocupa na África. Como a economia de várias nações africanas tem relação direta com a queniense, o agravamento da crise seria de mau agouro para o continente.

Por isso, para muitos diplomatas, governo e oposição precisam chegar a um acordo que ponha fim à onda de violência, iniciada na semana passada após o anúncio da reeleição do presidente, Mwai Kibaki, que deixou mais de 800 mortos.

O Quênia é o principal entreposto comercial do oeste africano. As importações e exportações de países vizinhos como Ruanda, Uganda, Burundi e República Democrática do Congo transitam pela estrada que liga o Lago de Vitória, no centro do continente, à cidade de Mombasa, porto às margens do Oceano Índico.

Além disso, 40% das exportações quenienses são direcionadas para o próprio continente, o que torna o bem-estar da região dependente da estabilidade política no Quênia.

INFLAÇÃO
O conflito deflagrado pela reação da oposição, liderada por Raila Odinga, à reeleição de Kibaki, fez subir o preço do gás, da gasolina e dos alimentos em vários países da região, uma vez que as principais ligações viárias foram interrompidas por manifestantes. Os alimentos em Nairóbi, capital do Quênia, já estão duas vezes mais caros do que antes da crise.

Metade dos 36 milhões de quenienses vive abaixo da linha da pobreza, a taxa de desemprego é de 40% e a expectativa de vida não passa de 49 anos. A renda per capita, de US\$ 580, é quase o dobro da vizinha Tanzânia, mas oito vezes menor que a do Brasil.

TURISMO
Apesar dos péssimos indicadores, a economia vinha se fortalecendo com a estabilidade política desde a independência, em 1963. Tanto que o país sempre foi considerado um exemplo para os vizinhos, constantemente envolvidos em sangrentos conflitos étnicos.

O PIB do Quênia é de US\$ 21 bilhões, dos quais US\$ 1 bilhão vem do turismo, um dos setores mais afetados pela violência da última semana. As operadoras suspenderam quase todos os pacotes e muitas reservas, já pagas, foram canceladas.

A violência afetou também o funcionamento de um dos principais órgãos da ONU. E no Quênia

Líder da oposição rejeita coalizão com o presidente

... O governo do Quênia anunciou ontem estar disposto a formar um "governo de união nacional" para pôr fim à onda de violência no país, que começou há uma semana e deixou mais de 300 mortos. Mas a oposição afirmou que, antes de qualquer negociação, o presidente Mwai Kibaki precisa renunciar.

Pressionado pela enviada americana - a subsecretária de Estado para Assuntos Africanos, Jendayi Frazer -, Kibaki afirmou que aceitaría um governo "que ajudaria no processo de cura e reconciliação". Mas o líder opositor Raila Odinga declarou que não negociará com Kibaki, afirmando que o presidente foi reeleito ilegalmente, após fraudar a votação do dia 27. "Nosso ponto de vista é que ele (Kibaki) está ali ilegalmente e não deveria ir à mesa de negociações como presidente", disse Odinga, derrotado por uma diferença de 2 pontos. ● AFP

nia que está a sede do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), e de onde partem as principais definições a respeito das políticas ambientais implantadas em todo o mundo.

Os projetos do Pnuma buscam incentivar a prática do desenvolvimento sustentado e, muitos deles, são implementados nos parques nacionais quenienses, que até então eram bem estruturados, harmônicos e preocupados em envolver a população local.

Banco de algumas das mais belas reservas naturais do planeta, o Quênia permitia que inúmeras empresas estrangeiras instalassem hotéis de luxo em suas parques nacionais. Na última semana, esses resorts ficaram completamente vazios.

Muitas ONGs ligadas ao meio ambiente estão preocupadas com o repercussão ambiental de um conflito generalizado no Quênia.

O agravamento da violência poderia afetar, por exemplo, o ecossistema do Parque Serengeti, localizado na fronteira com a Tanzânia. E neste parágrafo que ocorre a maior migração de fauna do mundo. Ao longo do ano, famílias de animais se locomovem em busca de melhores locais para se alimentar e procriar.

Na área, vivem também os maasai, uma das tribos mais antigas da África e altamente resistente à aculturação.

Eles permanecem nômades e vivem em barracas burca-ricas, entre as fronteiras do Quênia e da Tanzânia. Pasto-



DESTRUIÇÃO - Igreja e inspecionada após ter sido incendiada por manifestantes na capital queniense

reiros não usam a cultura e não vivem entre guardiões do ecossistema da região. Muitos ambientalistas temem que a violência possa se espalhar e afetar a vida das tribos.

REFUGIADOS
Outro fator que preocupa a comunidade internacional é o confronto entre a etnia kikuyu, dos partidários do presidente Kibaki, que representam 22% da população do país, contra os luo, terceiro maior grupo étnico do Quênia, do qual faz parte o líder opositor Raila Odinga - ao todo, o país é formado por 42 etnias.

A ironia é que o Quênia sempre funcionou como local de abrigo para refugiados de países que experimentaram os transtornos de governos autoritários em grande escala como Itália, Serra Leoa e, em especial, Ruanda.

Após o conflito étnico entre tutsis e hutus em Ruanda, em 1994, foi no Quênia que a maior parte dos ruandeses buscou proteção. Agora, a população queniense desmovera-se em direção oposta, rumo às fronteiras dos países vizinhos, assustados com essas nações.

País é o maior entreposto comercial do oeste africano

Outras pontes de integração africana ficaram ameaçadas pelo conflito. No próximo dia 20 em Gana, começa a Copa da África de futebol, competição mais importante do continente. A seleção de Camarões, uma das favoritas para conquistar o torneio, havia decidido realizar sua preparação no site então tranqüilo Quênia, mas acabou com a mudança de local, o jogo se iniciou a barbante.

BOLSA DE VALORES

O cenário devastador de guerra civil repercutiu também na bolsa de valores, que caiu 5% em menos de 24 horas. Na quinta-feira, diante da possibilidade de conflitos ainda mais sangrentos, a Nairobi Stock Exchange (NSE) suspendeu as negociações até o próximo mês. A medida criou sérias dificuldades para a realização de negócios entre os países vizinhos.

Atinda a cota para subir seis dólares internacionais para conciliação entre o presidente Kibaki, diferentes somas de outros conflitos que se desataram na África, por causa de sua importância para os equilibrios regionais, os sinais de economia, a estabilidade da região dependem de uma solução pacífica e impositiva política no Quênia. ●

Artigo

Futuro dos quenienses está nas mãos de dois ex-aliados

Josvan Vasagar

Há cinco anos, depois da vitória esmagadora que levou Mwai Kibaki ao poder, uma multidão reuniu-se no parque Uhuru, em Nairóbi, para ouvir o novo presidente prometer se abster de a corrupção. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

Apesar de ter sido eleito presidente em 1992, Daniel Arap Moi não conseguiu evitar a corrupção. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente. A corrupção continuou a ser o maior problema do país.

Os dois anos, os quenienses do Quênia desfrutaram de um período de estabilidade política e econômica. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

ando, num referendo, uma proposta de Kibaki para ampliar seus poderes.

A tragédia das eleições de dezembro no Quênia é que ela quase conseguiu esboçar a revolução iniciada em 2002. Uma oposição relativamente jovem, que ultrapassou as barreiras étnicas, estava ganhando da lavada e entre as vítimas políticas estavam Kibaki e seu filho David Kibaki, sucessor de sua presidência. Nicholas Biwoti, um dos mais antigos inimigos de Moi, e Gideon Moi, filho do ex-presidente, foram os outros dois líderes da oposição.

Mas o governo foi pressionado por uma oposição de apoio à oposição - o aparelho militar - a negociar com a oposição. Há camadas de corrupção que tanto a África. Na

teve ganhos espetaculares, mas não conseguiu chegar ao poder em meio a alegações de que a eleição fora fraudada após o fechamento dos pontos eleitorais. Da mesma forma, a votação de 2007 na Nigéria foi criticada por ter sido manipulada.

Especialista no Quênia que o partido governante pode ter tentado manipular o resultado das eleições antes da votação, mas reatistas de oposição apontam para uma intervenção na contagem dos votos.

CRISA DE VIOLÊNCIA

A violência é o maior problema do Quênia. A situação não pode ser resolvida sem a cooperação de todos os lados. A situação não pode ser resolvida sem a cooperação de todos os lados.

Mas talvez haja uma parcela de verdade na alegação de que o Movimento Democrático Laranja (ODM), de oposição, tem participação no desmantelamento de antigas.

De acordo com David Anderson, diretor do Centro de Estudos Africanos do St. Antony's College, em Oxford, "o Movimento Democrático Laranja es-

Governo foi pegado de surpresa por avalanche de apoio à oposição

... O governo do Quênia está no meio de uma crise política. O líder da oposição, Raila Odinga, anunciou que se aliaria ao presidente Mwai Kibaki para vencer as eleições. Em 2005, Odinga apoiou Kibaki e venceu as eleições. Em 2007, Odinga anunciou que se aliaria ao presidente Mwai Kibaki para vencer as eleições. Em 2007, Odinga anunciou que se aliaria ao presidente Mwai Kibaki para vencer as eleições.

ven dizendo que não quer violência, que talvez seja verdade em seu coração, mas não em sua cabeça".

EX-PARCEIROS

O futuro do Quênia está no meio de uma crise política. O líder da oposição, Raila Odinga, anunciou que se aliaria ao presidente Mwai Kibaki para vencer as eleições. Em 2005, Odinga apoiou Kibaki e venceu as eleições. Em 2007, Odinga anunciou que se aliaria ao presidente Mwai Kibaki para vencer as eleições.

Odinga justificou o apoio ao governo, como uma maneira de garantir a estabilidade do país. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

Kibaki, que venceu as eleições em 2002, não conseguiu evitar a corrupção. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

Os dois anos, os quenienses do Quênia desfrutaram de um período de estabilidade política e econômica. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

... O governo do Quênia está no meio de uma crise política. O líder da oposição, Raila Odinga, anunciou que se aliaria ao presidente Mwai Kibaki para vencer as eleições. Em 2005, Odinga apoiou Kibaki e venceu as eleições. Em 2007, Odinga anunciou que se aliaria ao presidente Mwai Kibaki para vencer as eleições.

Odinga justificou o apoio ao governo, como uma maneira de garantir a estabilidade do país. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

Kibaki, que venceu as eleições em 2002, não conseguiu evitar a corrupção. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

Os dois anos, os quenienses do Quênia desfrutaram de um período de estabilidade política e econômica. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

Os dois anos, os quenienses do Quênia desfrutaram de um período de estabilidade política e econômica. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

Os dois anos, os quenienses do Quênia desfrutaram de um período de estabilidade política e econômica. Mas o que aconteceu depois disso no mandato do presidente Daniel Arap Moi, que deixou a cargo de seu sucessor, não foi diferente.

ANEXO F – O GLOBO, 3 DE JANEIRO DE 2008

Quênia: governo e oposição falam em genocídio

Vitoriosos e derrotados em eleição que detonou onda de violência não se comprometem a pôr fim a ataques.

A maioria e o governo do Quênia, eleito em 27 de dezembro, não se comprometem a pôr fim a ataques de violência que se iniciaram logo após a eleição. O presidente eleito, Mwai Kibaki, afirmou que o governo não se comprometerá a pôr fim a ataques de violência que se iniciaram logo após a eleição. O presidente eleito, Mwai Kibaki, afirmou que o governo não se comprometerá a pôr fim a ataques de violência que se iniciaram logo após a eleição.

“Não há mais nada além do que o governo pode fazer para garantir a segurança dos cidadãos”, afirmou Kibaki. O governo não se comprometerá a pôr fim a ataques de violência que se iniciaram logo após a eleição. O presidente eleito, Mwai Kibaki, afirmou que o governo não se comprometerá a pôr fim a ataques de violência que se iniciaram logo após a eleição.

O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.

A oposição alega que houve fraude na eleição. A oposição alega que houve fraude na eleição. A oposição alega que houve fraude na eleição. A oposição alega que houve fraude na eleição. A oposição alega que houve fraude na eleição.

Apesar da vitória, Kibaki não se comprometerá a pôr fim a ataques de violência que se iniciaram logo após a eleição. O presidente eleito, Mwai Kibaki, afirmou que o governo não se comprometerá a pôr fim a ataques de violência que se iniciaram logo após a eleição.



Um momento de celebração em um bairro de Nairobi, capital do Quênia, após a eleição.

OPINIÃO

‘Há o risco de guerra civil’

Eleições em Quênia geraram violência e risco de guerra civil. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.

Eleições em Quênia geraram violência e risco de guerra civil. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.

Eleições em Quênia geraram violência e risco de guerra civil. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.

Sinal de alerta para o turismo

Violência pode afetar principal atividade econômica do país africano

Violência em Quênia pode gerar sinal de alerta para o turismo. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.

Violência em Quênia pode gerar sinal de alerta para o turismo. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.



Um momento de celebração em um bairro de Nairobi, capital do Quênia, após a eleição.

Violência em Quênia pode gerar sinal de alerta para o turismo. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.

Violência em Quênia pode gerar sinal de alerta para o turismo. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.

Violência em Quênia pode gerar sinal de alerta para o turismo. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.

URGENTE

URGENTE PACIFICAÇÃO

URGENTE PACIFICAÇÃO. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição. O chefe da Comissão Eleitoral afirmou que não houve fraude na eleição.

ANEXO G – O ESTADO DE S. PAULO, 4 DE JANEIRO DE 2008

ÁFRICA

Polícia queniana impede protesto contra governo

Policiais bloquearam reduto da oposição e usaram gás lacrimogêneo e jatos d'água para evitar concentração contra reeleição do presidente

NAIRÓBI

Líderes de oposição no Quênia adiaram a grande manifestação prevista para ontem em Nairóbi por causa do bloqueio policial, ao mesmo tempo em que pediram uma mediação internacional para a crise desencadeada após a reeleição do presidente Mwai Kibaki. Sob pressão, Kibaki declarou ontem que está disposto a "manter um diálogo político com as partes envolvidas, assim que a nação se acalmar".

A procuradoria-geral do Quênia pediu ontem a revisão da apuração oficial da eleição presidencial, que provocou uma sangrenta disputa política e a morte de mais de 300 pessoas. A onda de violência política e étnica também levou cerca de 100 mil pessoas a deixar suas casas, segundo a Cruz Vermelha queniana. O procurador-geral Amos Wako disse haver indícios de que o resultado da eleição foi manipulado e pediu que um "órgão independente" confirme os dados. Ele não indicou que órgão faria essa revisão.

A oposição queniana afirma que o presidente Kibaki foi reeleito com 1 milhão de votos fraudulentos e observadores da União Européia duvidam da credibilidade da apuração oficial. Segundo a Comissão Eleitoral, Kibaki foi reeleito com 46,38% dos votos, enquanto o candidato do opositor Movimento Democrático Laranja (ODM), Raila Odinga, obteve 44,03%.

Na manifestação de ontem, Odinga pretendia proclamar-se "o presidente do povo". As forças policiais foram mobilizadas no início do dia em vários bairros de Nairóbi, especialmente nas imediações do Par-



VÍTIMAS - No necrotério de Nairóbi, crianças mortas nos distúrbios

que Uhuru, onde usaram bombas de gás lacrimogêneo e jatos d'água para dispersar alguns manifestantes. Também montaram um cordão de isolamento na favela de Kibera, principal reduto da oposição queniana. Norman Nyagah, um dos líderes do ODM, anunciou aos simpatizantes de Odinga nas imediações do Parque Uhuru que a manifestação estava cancelada. Apesar de a oposição ter adiado o protesto para terça-feira, advertiu que a manifestação

em massa pode ocorrer hoje.

Em uma iniciativa para tentar conter a crise no Quênia, o pastor sul-africano e Nobel da Paz de 1984 Desmond Tutu viajou ontem para Nairóbi, onde se reuniu com Odinga e pretendia se encontrar com Kibaki. Os EUA enviaram ontem uma alta funcionária do Departamento de Estado ao Quênia para pressionar o presidente e o líder opositor a dialogarem. • AP, AFP/EFEE

País tem 42 etnias, mas nenhuma dominante

NAIRÓBI

A imagem do Quênia como um país próspero e estável se despedaçou com a onda de violência política e étnica que se levantou nos últimos dias, mas os analistas descartam a hipótese de que se chegue a uma situação comparável ao genocídio ruandês de 1994, que deixou mais de 1 milhão de mortos. As diferenças entre o Quênia e países como Ruanda, Burundi, Serra Leoa e Libéria devem livrar do caos a principal economia do leste da África.

Enquanto Ruanda e Burundi têm população quase exclusivamente de hutus e tutsis, o Quênia tem pelo menos 42 etnias distintas. Apesar de ser a etnia majoritária entre os 37 milhões de quenianos, os kikuyu só representam 22% da população. Isso significa que nenhum grupo pode controlar totalmente o país e, necessariamente, para liderar, aliar-se a outros grupos. Os rivais luos são 13%.

Outra particularidade: as elites do Quênia investem seu dinheiro no país e não no exterior - ao contrário do que ocorre no restante da África. "Essa é a melhor razão para não deixarem que o poder desmorone e arrase a economia", afirma um diplomata ocidental em Nairóbi. • AFP